

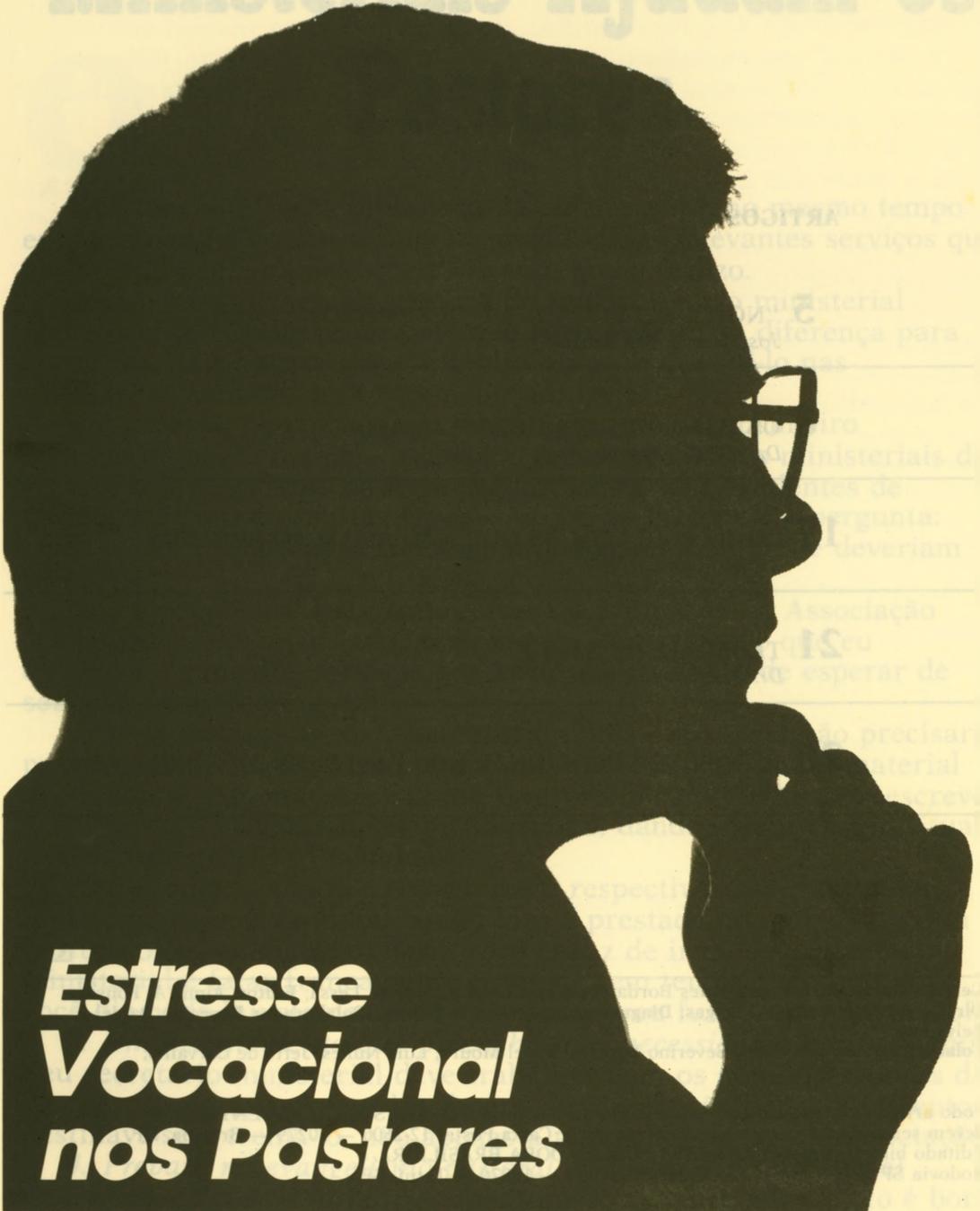
EDITORIAL

NOV/DEZ/1989 - Nº 6

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



***Estresse
Vocacional
nos Pastores***

ARTIGOS

5 "NOITE FELIZ" — 25 DE DEZEMBRO?
José Maria dos Santos

8 OS ESPORTES E AS ESCOLAS ASD
DAVID C. Nieman

17 COMO AGIR COM OS QUE NÃO AMAM AO SENHOR
Katie Tonn-Oliver

21 TEOLOGIA DA SAÚDE
Dr. Pedro Tabuenca

26 ESTRESSE VOCACIONAL NOS PASTORES ADVENTISTAS
Michael G. McBride



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson B. Santos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Como os Secretários Ministeriais Ajudam os Pastores

Toda vez que vou à biblioteca da cidade, volto ao mesmo tempo entusiasmado e confuso. Entusiasmado, pelos relevantes serviços que ela presta; confuso, pela raridade com que a utilizo.

Tem você utilizado os serviços de seu secretário ministerial ultimamente? O que realiza ele que realmente faz a diferença para você? Ou você o trata como a biblioteca — é bom tê-lo nas imediações, embora seja raramente utilizado?

Em 1988 foi convocado em Washington, D.C., o primeiro concílio de nossa história, realizado pelos secretários ministeriais de Divisões. O presidente da Associação Geral e os presidentes de Divisões discutiam muitas vezes conosco ao fazermos a pergunta: “Que estão fazendo os secretários ministeriais — e o que deveriam fazer?”

Não é propósito desta coluna fazer a promoção da Associação Ministerial. Por outro lado, pode ser do seu interesse que eu enumere alguns dos serviços que você tem o direito de esperar de seu secretário ministerial:

1. *Uma visita pessoal.* O secretário ministerial local não precisaria passar grande parte do seu tempo no escritório. Muito do material destinado a seus ministros já lhe vem pronto. Em lugar de reescrever este material, deveria ele estar no campo, dando incentivo espiritual a seus ministros e treinando-os.

2. *Um ouvido atento.* Os pastores e respectivas esposas sentem muitas vezes que nenhuma ajuda lhes é prestada quando se tornam frustrados no ministério. Seria você capaz de ir ao seu secretário ministerial e falar francamente com ele, sem temer que aquilo que você diz pode injustamente pôr em perigo seu futuro no ministério?

3. *Um internamento que preenche suas necessidades educacionais.* Seu secretário ministerial deve trabalhar com os administradores da Associação para convencê-los de que sua indicação de internamento destinava-se a treiná-lo, não apenas a preencher vagas na Associação.

4. *Preparo no evangelismo pastoral.* O secretário ministerial muitas vezes possui um forte embasamento evangelístico. Isto é bom.

Quando, porém, ele põe o chapéu de secretário ministerial, torna-se primeiramente um treinador, e não simplesmente um praticador do evangelismo. Seu alvo evangelístico não deveria ser pensar em quantos ele pode batizar, mas como pode preparar seus ministros para batizarem.

5. *Uma revista Ministério que o mantenha informado de assuntos ministeriais.* Seu secretário ministerial é responsável pela chegada a suas mãos de uma assinatura complementar do *Ministério* ou sua adaptação em linguagem local. Este é o meio mais prático à disposição para partilhar idéias ganhadoras de almas e manter unido um ministério de âmbito mundial, do ponto de vista teológico.

6. *Assistência em alcançar o clero não adventista.* Nem todo campo pode fornecer a assinatura complementar do *Ministério* dada ao clero não adventista, conforme é recomendado no programa PREGAR. Não obstante, todo pastor adventista deveria ter amigos entre o clero não adventista, e seu secretário ministerial deveria ter disponível algum plano para ajudá-lo a alcançá-los.

7. *Tornar disponíveis instrumentos ganhadores de almas.* O pastor local não pode manter-se a par de todos os mais recentes e mais eficazes meios de conquistar almas. Seu secretário ministerial deve conhecer e partilhar aquilo que está disponível por meio da União e da Divisão, e de fontes várias, bem como através do Centro de Provisão Ministerial da Associação Geral.

8. *Oportunidades de instrução contínua.* Os pastores adventistas devem permanecer ativos em sua profissão. Espera-se agora que vocês alcancem em média 20 horas de instrução contínua, anualmente. A Associação mantém o registro de sua instrução contínua e o revê quando sua licença é renovada. Se você começou atrasado, seu secretário ministerial tem programas disponíveis para ajudá-lo a alcançar.

9. *Um clube de fita.* Ouvir fitas enquanto anda é um meio eficaz de manter ativo o seu ministério sem gastar tempo a mais. Seu secretário ministerial deveria tornar este serviço disponível mediante alguma espécie de clube de fita ou biblioteca de empréstimo.

10. *Um sistema de preparo e apoio para sua esposa.* O secretário ministerial que aguarda na Associação o surgimento de um grupo de pastoras, torna disponível um muito necessário grupo de amizade para sua esposa. A maioria das esposas, embora bem instruídas em outras áreas, têm recebido pouco preparo em favor do seu papel como esposas de pastor. O secretário ministerial pode ajudar a oferecer esse treinamento, preparando programas especiais para elas nas reuniões de obreiros e tornando-lhes possível continuar fazendo cursos de educação preparados pela Associação Geral.

Seu secretário ministerial não pode levar a efeito todos estes projetos, igualmente bem. Afinal, como você, ele é apenas um ser humano. Se algum desses programas está sendo omitido em sua Associação ou Missão, talvez o seu incentivo o ajude a iniciá-lo.

Floyd Bresee

“Noite Feliz” — 25 de Dezembro?

Estudo sobre o nascimento de Jesus e como surgiram os símbolos natalinos.

Ocanto. — Certa noite, em 1818, Joseph Morhr, padre de uma pequena igreja austríaca, estava triste pelo fato de não haver música de órgão naquele Natal, pois os ratos haviam roído os foles do instrumento. Com este estado de espírito, foi dar um passeio pelas imediações da sua paróquia. A Lua e as estrelas, cintilando, tornavam a noite amena, tranqüila e inspiradora. Aquela cena o fez imaginar como teria sido a noite em que Jesus nasceu em Belém, e as palavras da canção “Noite Feliz” lhe brotaram espontaneamente. De volta à igreja, passou-as para o papel, apresentando-as a seguir a Franz Gruber, mestre do coro, com o pedido de que fizesse a música.

Na próxima noite de Natal, enternecidos, os membros da igreja entoaram o belo hino — “Noite Feliz”.

Após ouvir o hino, com visão profética a esposa do regente declarou: “Nós morreremos, mas ‘Noite Feliz’ há de viver por muito tempo.” Não existe hoje, nenhum lugar no mundo, na noite de Natal, onde estas palavras não sejam entoadas.¹

“Tudo é paz. Tudo amor.
Calm está ao redor.
Descem luzes como um véu,
Nasce Cristo, Rei do Céu!
Dorme sem temor, nosso Salvador.

“Glória a Deus, Glória a Deus
Vozes mil, anjos Seus
Cantam sobre Terra e mar;
Pela redenção sem-par
Prova Seu amor, nosso Redentor.

“Rei da Paz, Rei do amor,
Rei da luz, Deus, Senhor!
Graça, bênçãos queiras dar,
Guia ao eterno lar.
Cristo nos conduz, deste mundo à luz.”²

O dia de Natal. — “No sexto mês Deus mandou o anjo Gabriel a Nazaré, uma vila da Galiléia, a uma virgem, Maria, prometida em casamento a um homem chamado José, da família do rei Davi. Gabriel apareceu a ela e disse: ‘Parabéns, jovem favorecida! O Senhor está com você!’ Confundida e perturbada, Maria tentava imaginar o que poderia ser que o anjo quis dizer. ‘Não se assuste, Maria’, disse-lhe o anjo, ‘porque Deus resolveu abençoá-la maravilhosamente! Muito em breve você ficará grávida, terá um menino, e Lhe dará o nome de Jesus. Ele será muito importante, sendo chamado o Filho de Deus, e o Senhor Deus Lhe dará o trono do Seu antepassado Davi. Ele reinará sobre Israel para sempre, e o Seu Reino nunca acabará!’”³

Natal é sinônimo de boas novas e esperança de salvação. A palavra Natal, proveniente do latim, *natalis*, significa: nascimento ou dia do aniversário do nascimento. Para o mundo cristão é o dia do nascimento de Cristo. É o feriado mais importante da cristandade.⁴

O dia e o mês do nascimento de Cristo. — Duas fontes: a história sagrada e a secular não dizem o dia nem o mês do nascimento de Cristo. A tradicional data de 25 de dezembro, para esta comemoração cristã, não apresenta nenhuma base bíblica. John Davis faz uma declaração peremptória: “A data de 25 de dezembro, como natalício de Jesus, começou no quarto sé-

Pastor José Maria dos Santos
Professor da Escola “Santos Dumont”,
São Paulo

culo, sem autoridade que a justifique.”

O *Manual Bíblico* (de Halley) afirma na página 435 o seguinte: “Celebra-se atualmente o Natal a 25 de dezembro. Nada há, na Bíblia, que indique essa data. Apareceu primeiro no Ocidente, como o dia do nascimento de Jesus no quarto século. O fato de estarem os pastores com os seus rebanhos no campo, ao ar livre, da primavera ao outono, e não de ordinário no inverno, sugere que Jesus não pode ter nascido nessa estação fria.”

A *Enciclopédia Barsa* menciona que o dia 25 de dezembro aparece pela primeira vez no calendário de Philocalus (354).

A *Enciclopédia Britânica* diz que era uma data erroneamente dada como o solstício do inverno, em que os dias começam a aumentar; data já da festa central do mitraísmo, o *natalis invicti solis* ou o aniversário do sol invencível. As igrejas orientais fixaram-se no dia 6 de janeiro e acusaram seus irmãos ocidentais de adoração do Sol e idolatria, mas no fim do quarto século o 25 de dezembro foi também adotado no Oriente.

Estudiosos palestinos são unânimes em afirmar que o nascimento de Cristo não poderia ter sido em 25 de dezembro, pelo fato de os pastores estarem pernoitando, no campo, com os rebanhos. Para eles, o nascimento de Cristo foi ou no mês de abril ou em outubro.⁵

Símbolos natalícios através dos tempos

O Natal, a maior festa da cristandade, quando é comemorado o nascimento de Jesus Cristo, possui a grandeza de seu significado religioso marcado por diversas tradições e símbolos natalinos, trazidos de vários países e com as mais diferentes origens.⁶

Estrela. “Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para adorá-Lo.” S. Mat. 2:2

O que era essa estrela? As interpretações são muitas: a) Talvez um corpo luminoso, criado a propósito por Deus, para servir de guia aos magos, como foi a coluna de nuvem e a de fogo na peregrinação de Israel pelo deserto. Deus podia ter feito o milagre para anunciar a vinda de Seu Filho à Terra. Esse fenômeno sobrenatural foi interpretado pelos magos como cumprimento da profecia de Balaão: “Uma estrela

procederá de Jacó.” Núm. 24:17; b) poderia ter sido uma personalidade, como um anjo que teria guiado os magos a Jerusalém; c) outros identificam a estrela com algum astro ou conjunto de astros (planetas, estrelas, cometas) que se revelaram de acordo com os planos divinos, mas sem saírem de suas funções ou manifestações naturais; d) Deus criou nessa época uma verdadeira estrela no firmamento; e) o astrônomo Kepler e outros afirmam ter sido uma conjunção de planetas.⁷

Os três reis magos. A Bíblia (S. Mat. 2:1 e 2) não relata que eram três, e muito menos reis. A palavra grega *magio* designava na Média-Pérsia os que se ocupavam com os segredos da Natureza, astrologia e medicina. Comentaristas falam em “cientistas orientais”. Deviam ser vários, mas a tradição fala em três, por trazerem três espécies de dádivas: ouro, incenso e mirra. A tradição também lhes atribui os nomes de Gaspar, Belquior e Baltazar.

Os presentes eram simbólicos para a pessoa de Cristo: ouro para o Rei, incenso para o Sumo Sacerdote e mirra para o grande Médico.

A disposição dos magos para presentear a Cristo deve ser um exemplo para que ofertemos nossas dádivas a Sua Igreja. Ellen G. White aconselha-nos a ensinar os filhos a colocar na árvore presentes para Cristo.⁸

O presépio. — O presépio teve o seu início na noite de Natal de 1223, quando São Francisco de Assis retratou o nascimento de Cristo, encenando com pessoas, num estábulo verdadeiro, a manjedoura, com animais vivos. Segundo os historiadores, São Francisco quis mostrar como o Salvador nascera, sem o menor conforto. Hoje os cristãos reproduzem os presépios com perfeição, incluindo personagens da Sagrada Família, pastores e reis magos.⁹

Papai Noel. — Noel quer dizer natal em francês. Sem mencionar datas, as fontes históricas nos dizem que nasceu com São Nicolau, e que os holandeses levaram para a América do Norte. Este personagem fictício, que viajava de trenó, entrava pelas chaminés das lareiras e colocava presentes nos sapatos vazios das crianças. Esta ficção foi-se transformando até adquirir as características que hoje conhecemos.¹⁰

São Nicolau foi bispo em Mirna, na Ásia Menor. O Papai Noel chegou ao Brasil através dos imigrantes portugueses, italianos e franceses, por volta do século XVIII.¹¹

Origem da árvore. A criação da árvore de Na-

tal ou árvore de presentes, deve-se ao rei João II da Inglaterra. O ditador Cromwell proibiu-a no século XVII. Em 1862, a Rainha Vitória restabeleceu-a na Inglaterra, espalhando-se depois pela Europa, para em seguida conquistar o mundo.¹²

Alguns pesquisadores falam de Lutero como o seu introdutor. Em uma noite de Natal em 1525, caminhando por uma floresta de pinheiros, contemplou embevecido milhares de estrelas brilhando por entre os galhos cobertos de neve. A sublimidade daquele quadro o levou a tomar um galho de pinheiro e levar para casa. Após enfeitá-lo com velas acesas, mostrou-o aos filhos, a fim de que eles também desfrutassem da sua beleza. Os vizinhos foram admirá-lo e o imitaram.

Para outros, este costume vem do século passado. Originou-se nos países nórdicos e, daí, espalhou-se para o mundo.

Esta árvore é um símbolo de paz, alegria e esperança de uma vida melhor.¹³

A lenda da árvore. — Quando Jesus nasceu, uma grande quantidade de árvores foi adorá-lo. E entre elas veio um pinheirinho escuro e triste, do norte, que chegou muito cansado a Belém. Por isso, ouviu muito deboche das árvores mais frondosas. Entretanto, a estrela de Belém ouviu tudo e ficou solidária. As outras estrelas, que estavam ao seu redor, também caíram sobre ele. Daí nasceu o hábito de se enfeitar o pinheirinho no Natal.¹⁴

A troca de presentes. — É uma tradição de origem pagã, fazendo parte das festividades nórdicas. Entre os cristãos, surgiu com o papa Bonifácio, que após a missa distribuía pãezinhos aos fiéis, os quais retribuía com presentes, aos padres, no dia seguinte. Conta-se, por outro lado, que também era costume de antigos marinheiros e viajantes presentear monges em troca da celebração da missa, com intenção de boa viagem.¹⁵

Cartão de Natal. — Os cartões de felicitações do Natal, surgiram por volta de 1843, na Inglaterra,

quando John Horsley foi encarregado de desenhar um cartão alusivo ao Natal, cujas cópias deviam ser enviadas aos amigos. Horsley desenhou uma família bebendo à saúde de um amigo ausente. O fato provocou escândalo e o autor foi acusado de incentivar a bebedeira. Mas o povo aprovou, e todos começaram a fabricar cartões em casa, sendo impressos em 1851.¹⁶

A canção. — “Noite Feliz” é a mais típica canção de Natal. É cantada em todo o mundo na noite de 24 para 25 de dezembro. Nasceu em 1818, numa velha povoação alpina.¹⁷

Conclusão

Embora os fatos até aqui apresentados nos convençam da realidade de que ninguém pode determinar, com segurança, o dia do nascimento de Cristo, e a Bíblia não ordene esta celebração em 25 de dezembro, como cristãos somos beneficiados, espiritualmente, em meditar no significado do nosso Salvador ter nascido neste mundo.

Para nós, cristãos, o Natal deve trazer-nos à memória o quadro sublime do milagre dos milagres, a encarnação do Filho de Deus. São João 1:14 declara que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós”.

Este fato histórico deve lembrar-nos de duas grandes palavras da teologia: amor e salvação. São João 3:16 realça a sublimidade desse amor que traz como consequência a salvação.

Devemos ver no Natal a cristalização do magnífico amor, que atinge a toda a humanidade, apelando para que esta aceite a grande salvação que lhe é oferecida graciosamente.

Mais importante do que o dia e o lugar em que Cristo nasceu, é o fato de Ele ter nascido para ser o nosso Salvador; e agora, é Ele nascer em nosso coração e ali habitar para que a nossa vida possa ser totalmente transformada por Sua presença benfazeja.¹⁸

Do Natal, a única coisa verdadeiramente certa é que Jesus nasceu em Belém, e a única importante!

1. Prof. Pedro Apolinário, *Seleção de Temas*, pág. 271.
2. *Hinário Cantai ao Senhor*, nº 72.
3. *A Bíblia Viva*. São Lucas 1:26-33.
4. Prof. Apolinário, *Seleção de Temas*, pág. 266.
5. *Idem*, págs. 266-268.
6. *Jornal Palácio dos Enfeites*, Ano 1, nº 1, nov.-dez. 1986, pág. 6.
7. Prof. Pedro Apolinário, *Seleção de Temas*, pág. 270.
8. *Idem*, pág. 270.

9. *Jornal Palácio dos Enfeites*, Ano 1, nº 1, nov.-dez. 1986, pág. 6.
10. Prof. Pedro Apolinário, *Seleção de Temas*, pág. 270.
11. *Jornal Palácio dos Enfeites*, Ano 1, nº 1, nov.-dez. 1986, pág. 6.
12. *Idem*, pág. 4.
13. Prof. Pedro Apolinário, *Seleção de Temas*, pág. 269.

14. *Jornal Palácio dos Enfeites*, Ano 1, nº 1, nov.-dez. 1986, pág. 4.
15. *Idem*, pág. 6.
16. *Ibidem*.
17. *Idem*, pág. 6.
18. Prof. Pedro Apolinário, *Seleção de Temas*, págs. 271 e 272.

Os Esportes e as Escolas ASD

São anacrônicos os conselhos de Ellen G. White com relação à saúde? Eram suas declarações princípios ou sugestões?

O assunto dos esportes nas escolas adventistas recebeu considerável atenção recentemente. Com o engajamento de muitos de nossos ginásios e colégios atualmente em competições esportivas, a Associação Geral criou uma comissão para estudar o papel dos esportes na educação adventista. Talvez tenha chegado o tempo de se rever o fundamento histórico da orientação atual da igreja e aplicar estes princípios a nossas práticas modernas.

O incidente de Battle Creek

Durante a última parte da década de 1860, vários anos depois que seis Associações da comunidade haviam formado a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em Battle Creek, Michigan, os membros sentiram a neces-

sidade de desenvolver a postura educativa da igreja. Goodloe Harper Bell, que havia frequentado o Colégio Oberlin, abriu uma pequena escola em Battle Creek em 1868, com 12 alunos.

Em janeiro de 1872, Ellen White escreveu sua primeira obra principal sobre educação, "Proper Education",¹ na qual ela salientou a necessidade de uma localização rural para as escolas ASD. As atividades agrícolas e industriais deviam combinar-se com uma instrução de qualidade, baseada nas Escrituras. Ela arrazoava que tal preparo capacitaria os alunos a aprenderem uma segunda vocação, enquanto mantinha também sua saúde. "A fim de preservar o equilíbrio da mente, o trabalho e o estudo deveriam estar unidos nas escolas."² Essa perspectiva surgiu muitos anos depois que outros educadores americanos haviam repellido os programas de trabalho manual para estudante.³ Em resposta às reformas educativas de Locke, Rousseau, Pestalozzi e von Fellenberg na Europa entre 1700 e 1830, os educadores ameri-

David C. Nieman

Professor associado da Escola de Saúde
da Universidade de Loma Linda

canos do começo dos anos 1800 foram atraídos para o conceito de oferecer trabalho útil aos alunos durante o curso secundário e superior. A educação que incluía trabalho manual despertou grande entusiasmo a partir de 1820, atingiu seu auge no início dos anos 1830 e declinou rapidamente depois disso. Os defensores diziam que o sistema de trabalho manual proporcionaria aos alunos exercício natural, promoveria o desenvolvimento do caráter, reduziria o gasto com a educação e diminuiria a distinção de classes.

O rápido desaparecimento das escolas de trabalho manual durante os anos de 1840, deveu-se a uma variedade de fatores complexos, entre os quais problemas econômicos e administrativos; motivo de tempo; a contínua ascensão da Revolução Industrial, que tornou antipático o trabalho manual; e o surgimento das escolas sustentadas com impostos, que torna desnecessário o trabalho do aluno para a instrução.

Exemplo dos riscos de colégios começados de acordo com as regras do trabalho manual foi o Oberlin, fundado em 1832.⁴ Como primeiro colégio co-educativo dos Estados Unidos e o primeiro a admitir “estudantes negros”, foi progressista em direitos das mulheres, questões de raça, reforma pró-saúde e educação prática. Usando o moto “aprender e trabalhar”, o Oberlin pedia que os alunos trabalhassem quatro horas por dia. Mas, “passadas duas décadas, toda sorte de artifício e experiências malsucedidas foram tentados para pôr em prática este tão alardeado traço da escola”.⁵

O primeiro ginásio

Quando o número de alunos matriculados se elevou, fornecer todos os dias trabalho manual se tornou tarefa incômoda para os administradores, e finalmente o programa deixou de existir em 1852. Por volta de 1860, foi construído o primeiro ginásio, que levou à provisão de aulas de ginástica no estilo europeu. Na virada do século, o Oberlin, juntamente com a maioria de outras escolas dos Estados Unidos, voltaram-se para os esportes próprios para estudante.⁶ Este movimento em direção dos esportes escolares, coincidiu com o tempo durante o qual a maioria de nossos es-

portes dos dias atuais estavam formalmente organizados.⁷

Dessa forma, quando Ellen White apresentou sua obra sobre o assunto em 1872 — várias décadas depois da euforia da educação do trabalho manual nos Estados Unidos — experimentou ela resistência incomum à idéia.⁸ Ignorando-lhe a urgência da compra de uma propriedade rural, a Associação Geral pagou 16 dólares por 12 acres de terra em Battle Creek (uma cidade de 7 mil habitantes), do lado diretamente oposto do Instituto da Saúde, que logo seria dirigido por John Harvey Kellogg. Na distante Califórnia, Ellen White chorou ao receber a notícia da aquisição.

O Colégio de Battle Creek foi inaugurado em 1875, e sob a liderança de Sidney Brownsberger adotou o currículo normal, baseado no Latim e no Grego, sendo as aulas de Bíblia facultativas. Em resposta aos repetidos testemunhos de Ellen White, fizeram-se tímidas tentativas de dar aos alunos treinamento manual no campus da cidade. Finalmente, em 1889, os estudantes de Battle Creek efetuaram um “debate monstro” sobre a conveniência, afinal de contas, do treinamento manual e, como conseqüência, todos aqueles programas foram abolidos.⁹

Entre 1890 e 1893, os alunos de Battle Creek formaram equipes de beisebol, rúgbi e pugilismo, que disputavam contra o Sanatório local, a Review and Herald House e outras escolas e colégios superiores. As equipes estavam equipadas com uniformes; davam-se prêmios; e havia excitação generalizada.

Ellen White, que se havia mudado para a Austrália para realizar obra pioneira ali, recebeu cartas de alguns estudantes que freqüentavam o Colégio de Battle Creek, procedentes da Austrália e Nova Zelândia. PoMare, um maori da Nova Zelândia, queixava-se de que havia deixado o futebol e outros esportes porque não sentia a paz de Deus enquanto os praticava.¹⁰ Ele perguntava a Ellen White que vantagem apresentava o Colégio de Battle Creek sobre as escolas que deixara na Austrália.

Em 5 de setembro de 1893, o dia seguinte ao recebimento da carta de PoMare, Ellen White escreveu uma carta minuciosa ao diretor William Warren Prescott, do Colégio de Battle Creek.¹¹ “Não têm a prática de esportes, as recompensas e o uso da luva de boxe estado a educar e treinar segundo a orientação de Satanás? O tempo está por demais repleto de sinais do

conflito iminente, para se educar a juventude em divertimentos e jogos.”

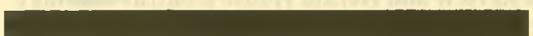
Enquanto Ellen White respondia a carta de PoMare, os alunos do Colégio de Battle Creek formavam as equipes “Americano” e “Britânico”, que jogavam uma partida intramuro excitante de rúgbi. Um repórter local escreveu sobre ela num jornal do lugar embaixo do título: “O Grande Jogo Internacional de Futebol.” Um dos participantes do “Britânico” enviou uma cópia do artigo a seu pai na Austrália, o qual transmitiu a informação a Ellen White, que de novo enviou uma carta ao diretor Prescott.¹²

“Desejo dizer que vi a Satanás exultante pela introdução em seus planos de jogos, planos que ele usará para seduzir as almas, para sua ruína eterna... Há maneiras pelas quais pode o tempo dos estudantes ser empregado, a fim de que seu zelo juvenil e ardor jovem possam ser usados para a glória de Deus.”

No mesmo dia ela escreveu uma carta a Edgar Caro, filho de um dentista australiano.¹³

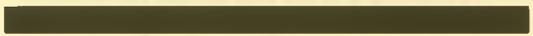
“Há tantas coisas necessárias e úteis para se fazer em nosso mundo, que tornaria o prazer dos exercícios recreativos quase totalmente desnecessário... um tipo de exercício mais elevado... o trabalho missionário.”

O diretor Prescott levou a carta de Ellen White para a faculdade e para os alunos, depois respondeu:



A alegação de que os esportes competitivos contribuem para a formação dos jovens em algum sentido, é discutível.

A Sra. White defendia a educação sem eles.



“Resolvemos não mais ter nenhuma competição esportiva na propriedade. Nossa recreação será planejada de tal maneira que proporcione os benefícios desejados sem despertar um espírito de contenda e sem ter como base os esportes atléticos. Já havíamos notado o mal destas coisas o suficiente para achar que tais jogos nada têm que ver com os alunos da Escola Superior, mas havíamos pensado em permitir competições entre os funcionários do Sanatório e os do escritório da Review; todavia, des-

de o recebimento de suas cartas, resolvemos interromper tudo.”¹⁴

Ellen White enviou também um testemunho especial a todos os professores e alunos do Colégio de Battle Creek. Ela salientou que todos necessitavam de exercício, e que “Deus tem indicado que esse exercício deve constituir um trabalho útil e prático; vós, porém, vos afastastes do plano de Deus para seguir invenções humanas”.¹⁵ “Por amor a Cristo, fazei uma parada no Colégio de Battle Creek e considerai o efeito sobre o coração, o caráter e os princípios, dessas diversões copiadas dos costumes de outras escolas... O estudo diligente é essencial, bem como o árduo trabalho diligente. Os jogos não são essenciais... Não consigo encontrar nenhum caso na vida de Cristo que demonstre haver Ele dedicado tempo a jogos ou diversões.”

Em resposta à carta de Prescott, Ellen White lamentou que o programa dos esportes tivesse contribuído para eclipsar o recente reavivamento espiritual do campus. “Entre a juventude a paixão pelos jogos de futebol e outras satisfações egoístas afins tem sido corruptora da influência, vigilância e da oração, e a consagração a Deus não tem sido mantida... Eles agem como se a escola fosse um lugar aonde eles fossem aperfeiçoar-se nos esportes; como se estes constituíssem um importante ramo de sua educação, e eles vêm aparelhados e equipados para essa espécie de treinamento. Isto está completamente errado, do começo ao fim... O treinamento e a disciplina a que vos submeteis para ser bem-sucedidos em vossos jogos não vos está preparando para ser fiéis soldados de Jesus Cristo... O dinheiro gasto com roupas para uma boa exibição nestas competições é tanto, que poderia ter sido usado para promover a causa de Deus em novos lugares... Precisamos agora começar de novo. Pode ser necessário pôr o fundamento de escolas que sigam o modelo das escolas dos profetas. É muito fácil ser levado pela corrente dos planos, métodos e costumes mundanos.”¹⁶

Lamentavelmente, toda reforma empreendida pelo Colégio de Battle Creek para interromper o programa dos esportes teve vida curta. Em 1896, apenas três anos depois dos oportunos testemunhos de Ellen White, o *Battle Creek Daily Journal* mostrava de novo os resultados dos eventos esportivos do Colégio de Battle Creek. Em 12 de ju-

nho de 1896, por exemplo, o jornal anunciou que “o segundo quadro de beisebol da escola principal de Battle Creek venceu o time do colégio pelo placar de 14 a 9”.

O incidente de Avondale

Em 1º de outubro de 1896, aproximadamente cinco anos após Ellen White ter deixado a Austrália, ela colocou ali a pedra fundamental do primeiro prédio do Colégio Avondale. Durante aqueles anos, havia ela lutado arduamente para estabelecer um programa escolar que servisse de modelo a ser imitado por todos os demais. Ela se mudou para uma casa de oito cômodos (Sunnyside), a 1.600 metros do campus para dirigir pessoalmente a organização da escola.¹⁷

Durante os primeiros anos do Avondale, um programa “modelo” constava de quatro fases: reuniões religiosas (1-2 horas diárias), aulas (4 horas), períodos de estudo (2 horas) e (2-3 horas de trabalho). Os alunos construíam prédios, limpavam mato, plantavam pomares e vinhas e começaram várias indústrias. Recebiam orientação sobre impressão, encadernação, carpintaria, trabalhos domésticos e jardinagem. O estudo da Bíblia ocupava lugar saliente em seu programa acadêmico, que incluía também conhecimentos sobre saúde, negócios, enfermagem, educação e obra missionária.

Durante aqueles anos formativos, Ellen White escreveu muitos artigos falando de um padrão elevado para o Avondale.¹⁸ Ela estava empenhada de modo especial em que não se repetisse na Austrália a experiência do Colégio de Battle Creek. Em 20 de dezembro de 1896, escreveu ela de Sunnyside:

“Durante a noite, foram-me reveladas algumas coisas concernentes à obra e à escola que logo será aberta nesta localidade... Fui advertida a não andar no terreno que muitos dos professores de Battle Creek têm andado em sua experiência. A questão da recreação foi aí apresentada numa roupagem ilusória... Se não há em nossas escolas uma educação, em muitos aspectos, de caráter totalmente diferente da que tem sido ministrada em Battle Creek, então não temos necessidade de fazer gastos na compra

de terra e com a construção de prédios... Os alunos enviados à escola com o propósito de receber uma educação que os torne evangelistas, ministros e missionários em países estrangeiros, têm ficado com a idéia de que os divertimentos são necessários para assegurar-lhes a saúde física, enquanto o Senhor lhes tem mostrado que o melhor caminho é tornarem o trabalho manual parte de sua educação, em lugar dos divertimentos.”¹⁹

Mais tarde ela ressaltou:

“Revela covardia andar muito vagarosa e indefinidamente no plano de trabalho — aquele plano que produzirá a espécie de educação bem melhor... Trabalhar o solo é uma das melhores espécies de ocupação, pois coloca os músculos em atividade e faz repousar a mente. O estudo no setor da agricultura deve ser o ABC da educação ministrada em nossas escolas.”²⁰

Em janeiro de 1897, W. W. Prescott, agora secretário educacional da Associação Geral, retornou da Austrália, onde esteve conversando com Ellen White com relação aos planos para Avondale. Em abril daquele ano, a Associação Geral se reuniu em Lincoln, Nebraska, onde a sessão fez apelos em favor da reforma educacional. Edward A. Sutherland, que desde 1892 se havia esforçado por seguir os conselhos de Ellen White sobre educação no Walla Walla College, tornou-se diretor do Colégio de Battle Creek.²¹

De 1897 a 1901, com o forte apoio de John H. Kellogg, Alonzo T. Jones e Percy T. Magan, Sutherland procurou reformar o Colégio de Battle Creek. A escola reformulou por completo seu programa de ensino e comprou uma fazenda de 80 acres, cerca de 1.600 metros ao norte do campus. Para simbolizar este rompimento com o passado, Sutherland adquiriu o arado, Magan dirigiu a parelha e Justus G. Lamson semeou, enquanto aravam o campo de diversões do colégio e nele plantavam um jardim.²²

As reformas surtiram tanto efeito que as matrículas começaram a chover. Sutherland achou por bem mudar o colégio para longe dos “limites da cidade, com o ambiente da cidade e professores que tivessem o espírito da cidade”. Ellen White alertou para a demora pelo tempo que existia.

Enquanto isso, em 28 de abril de 1897, começavam as aulas em Avondale. Em outubro, a nova escola tinha 81 alunos. C. B. Hughes, que se havia formado em Battle Creek em 1892, foi

posto como diretor. Em abril de 1899, havia sido já edificado um prédio central, onde funcionava a capela, e 153 alunos se achavam matriculados.

Durante o mês de fevereiro de 1900, a administração da escola resolveu permitir que os alunos praticassem críquete aos domingos à tarde, para evitar que “andassem pelo mato”. Como se aproximasse o primeiro aniversário da construção do edifício central de Avondale, o diretor Hughes e a faculdade resolveram considerar o dia feriado. Pediram então a Ellen White que falasse pela manhã e, depois, passaram o resto do dia em jogos.

Ellen White falou com entusiasmo naquela manhã; depois, saiu, não sabendo o que ia acontecer. Os alunos passaram o resto do dia jogando tênis (os equipamentos foram comprados pelas mulheres), críquete, corrida de saco e outras brincadeiras.

Na sexta-feira de manhã Ellen White falou aos estudantes em assembléia, e “jamais deu um testemunho mais oportuno”. Ela leu muitos dos seus testemunhos do Colégio de Battle Creek. Mesmo seu filho Willie contou que “estamos todos um tanto surpresos com o significado daquilo que Mamãe escreveu, e mais ainda com a convicção de suas advertências ao protestar contra os esportes”. Após suas instruções, os alunos se assentaram quietos sem dizer nada.²⁷

O diretor Hughes se sentiu severamente ofendido, e começou a ter dúvidas acerca de Ellen White. Posteriormente ele relatou que “foi o começo de uma das experiências mais sombrias da minha vida. Achei que a irmã White fosse sumamente irrazoável quanto ao assunto”.²⁸ Os alunos também ficaram perplexos, e no domingo à noite continuaram com seu costumeiro jogo de críquete.

Na segunda-feira, Willie White falou aos alunos a respeito de como devia o conselho ser recebido da parte “dos ministros do Senhor, especialmente quando eles nos apresentam idéias novas e não em harmonia com nossos desejos e sentimentos”.²⁹ Ellen White também se sentiu muito “magoada” com o assunto, e escreveu em seu diário: “Tem-se entendido em todas as nossas fileiras que estes jogos não constituem a educação apropriada a ser ministrada em qualquer das nossas escolas. A escola de Avondale deve ser um modelo para outras escolas que serão estabelecidas entre nosso povo. Os jogos e divertimentos são a maldição das

colônias, e não devem ser permitidos aqui em nossa escola.”³⁰

Na quinta-feira, o Espírito de Deus havia operado em C. B. Hughes, sobre o corpo docente e os alunos. Depois de outra apresentação feita por Ellen White, muitos expressaram seu desejo de seguir o caminho da orientação do Senhor. Willie White contou que “no final daquela reunião, ele sentia que fora alcançada uma grande vitória; que a comissão da escola, o corpo docente e os alunos viam as coisas numa luz muito mais clara, como resultado de nosso estudo e oração durante a semana”.³¹

O jogo de tênis foi vendido, tendo o lucro sido posto em um fundo, e as partidas de críquete pararam. Um grande número de alunos começou a estudar junto as Escrituras à noite e a partilhar o seu amor a Deus com a comunidade da redondeza.

O colégio Missionário Emanuel

Posteriormente, naquele ano, Ellen White retornou à América. Com o seu forte e diligente apoio, a Associação Geral votou em 12 de abril de 1901, transferir para outro local do país o Colégio de Battle Creek. Em maio, o equipamento foi transportado em 16 vagões de estrada de ferro, e o colégio foi levado para seu novo sítio, a 15 quilômetros, em Berrien Springs, onde foi chamado Colégio Missionário Emanuel (CME).³² Percy T. Magan escreveu a Ellen White que “esta nova escola deve ser a Avondale da América”.

Como o número de matrículas baixasse aproximadamente dois terços, durante o primeiro ano, no novo campus, os alunos e professores uniram seus esforços em cultivar o solo e construir, enquanto dirigiam as classes. Seis divisões colegiais — ministerial, professores missionários, pré-médica, assuntos cristãos, música e treinamento manual — compreendiam os cursos que a instituição oferecia.

Lá pelo mês de maio de 1904, as tensões entre o Dr. John Harvey Kellogg e os líderes da igreja andavam elevadas. Magan e Sutherland eram também acusados de “kelloggismo” — independência da denominação, institucionalismo e panteísmo. Surgiram conflitos, e Sutherland e Magan terminaram renunciando e se mu-

dando para Nashville, Tennessee, onde fundaram o Instituto de Agricultura e Normal de Nashville, numa fazenda de 400 acres. Assim começou a rede de escolas independentes que até hoje salienta a importância da educação baseada no trabalho manual sem nenhum esporte. Embora Ellen White achasse que Sutherland havia renunciado num momento inoportuno, ela manteve seu desejo de começar uma nova escola e ter assento em sua comissão.³³

Em 1910, apenas seis anos depois de Sutherland ter deixado o CME, os alunos começaram a pedir permissão ao corpo docente para participar de jogos de bola organizados. Quando o corpo docente respondeu, desaprovando jogos de beisebol organizados no campus, os alunos passaram a realizar seus jogos fora do campus.³⁴

Aplicação para nossos dias

Ellen White morreu em 1915. Até bem no fim, ela continuou firme em sua posição em favor de um programa educacional baseado no trabalho e estudo, destituído de esportes. Poucos anos antes de seu falecimento, reiterou ela o seu ponto de vista: “É pensamento comum que o trabalho manual é degradante; contudo, os homens podem empenhar-se tanto no críquete, no beisebol ou nas disputas pugilísticas, sem ser considerados como degradados... Enquanto os jovens se estão tornando peritos em jogos que não possuem nenhum valor real para eles mesmos ou para outros, Satanás está jogando o jogo da vida por sua alma... Ele procura monopolizar e absorver a mente de tal maneira que Deus não encontre lugar nos pensamentos.”³⁵

Depois da morte de Ellen White, nossas escolas experimentaram várias décadas de incerteza na execução desses conceitos. A aceleração da revolução industrial, o desenvolvimento da mecanização e urbanização, e o espantoso crescimento dos esportes na sociedade e escolas públicas, criaram um ambiente no qual tais decisões se tornaram ainda mais penosas. No início de 1920, por exemplo, os jogos de bola no CME eram permitidos em ocasiões festivas com “regulamento cuidadoso”. Durante os anos 1930 e 1940, permitiam-se alguns espor-

tes de baixa intensidade como patinar no gelo, vôlei, pingue-pongue, patim de roda, etc. Uma mudança definida veio em 11 de março de 1949, quando teve lugar uma cerimônia de nivelamento de terra para o prédio de educação física, iniciando-se uma era de jogos intramuro e educação física.³⁶ A experiência do CME é típica de muitos de nossos colégios, a despeito das desaprovações de vários líderes adventistas da liderança.³⁷ Hoje, indivíduos, duplas e equipes esportivas permeiam as classes de educação física tanto em nível secundário como colegial, e os alunos se empenham em competição esportiva intramuro. Além disso, muitas escolas têm andado em território antes proibido — os esportes entre escolas.

Os incidentes de Battle Creek e Avondale indicam com clareza que Ellen White foi dirigida por Deus para defender fortemente um programa educacional baseado no trabalho manual sem esportes organizados. Esse ideal, tão difícil de ser seguido pelos líderes antigos, parece agora ainda mais desconcertante. Defenderia Ellen White ainda hoje um programa tal? Em 1904, ela declarou: “Deus deseja que todos tenhamos senso comum, e que arrazoemos de acordo com o senso comum. As circunstâncias mudam as condições. As circunstâncias mudam a relação das coisas.”³⁸ Por outro lado, ela declarou também: “Os grandes princípios da educação são imutáveis. ‘Permanecem firmes para todo o sempre’ (Sal. 111:8); pois são os princípios do caráter de Deus.”³⁹

O princípio de que os estudantes devem trabalhar durante seus anos de estudo, constitui talvez o mais forte conceito que Ellen White apresentou, no tocante a nossas escolas. Hoje, muitas de nossas instituições de ensino têm programas de trabalho nos quais podem os alunos ganhar dinheiro para educar-se. Não obstante, com a moderna tecnologia, a maioria das ocupações não proporcionam exercício adequado. Tenho observado que mesmo nas instituições independentes, a maioria dos alunos não recebe exercício suficiente enquanto trabalha, por causa do uso crescente dos planos isentos de trabalho. A maioria de nossas escolas prepara-se para entrar em ambiente tecnológico de trabalho, o que creio seja vitalmente importante. Não devemos alinhar-nos com uma “mentalidade de Mao”, na qual a tecnologia moderna é evitada, desviando-nos do avanço do resto do mundo.

Nosso dilema surge ao provermos estudantes com alguma forma adequada de exercício. O que *não* deve ser feito parece muito claro, de acordo com as experiências tanto de Battle Creek como de Avondale. Ellen White jamais endossou o conceito de que os estudantes devessem empenhar-se em esportes organizados para se exercitarem. Enquanto explicava que “não condeno o simples exercício do jogo de bola; mas mesmo este, em sua simplicidade, pode ser levado a excesso”,⁴⁰ ela condenava vigorosamente qualquer tipo de atividade esportiva patrocinada pela escola. Esta posição, tão desconcertante para nossos antigos líderes, tem trazido ainda mais consternação aos educadores atuais.

Nossas escolas que crescem rapidamente, têm-se movimentado no sentido dos esportes organizados. Temos procurado regulamentar cuidadosamente os esportes em nossas escolas, alegando o desenvolvimento do caráter, relacionamentos humanos adequados, respeito à autoridade, obediência a normas, vida saudável, aptidão física e cooperação. Algumas escolas, como o Union College, combinam agora aptidão com competição, como têm feito os Atletas em Ação por vários anos. A pergunta é: “Representam, estes desenvolvimentos, progressos legítimos em nosso meio educacional, ou são tentativas de conciliar movimentos caprichosos e confusos com um padrão menos elevado?”

Muitos líderes educacionais acham hoje que os esportes “cuidadosamente regulamentados” produzem uma conciliação adequada entre os conselhos excepcionalmente exigentes de Ellen White, e as pressões da sociedade centralizada nos esportes e os meios domésticos adventistas menos ideais. Outros argumentam que regulamentar o esporte é como “tornar a carne limpa”. De acordo com essa linha de pensamento, a carne pode ser um tanto “protegida”, removendo-se a gordura e o sangue, mas o material aproveitado fica abaixo do ideal.

Arthur Spalding fez esta declaração em seu livro *Who Is the Creast?:* “Se eu desejasse cultivar milho viçoso e melancias saborosas, não escolheria as areias causticantes do deserto do Vale da Morte como minha horta.”⁴¹ Em outras palavras, enquanto a educação esportiva cuidadosamente regulamentada e a participação podem estar “certas” quanto a desenvolver o caráter, produzir a aptidão e promover o desenvolvimento espiritual, esse realce represen-

ta uma “preocupação com o secundário” (uma falha comum entre os antigos israelitas). Assim, a questão dos esportes se torna não tanto uma questão de certo ou errado, como do melhor contra o bom.

Ninguém que ouve sobre os esportes moderados, negaria que existem muitos perigos potenciais em dar realce aos esportes nas escolas. Há constantes relatos de realce excessivo sobre a conquista da liderança a custo de ferimentos em grande quantidade, brutalidade, uso de drogas e recrutamento ilegal. Algumas escolas têm interrompido seus programas esportivos entre escolas, por razões financeiras e acadêmicas. Com sua glorificação de jogadores individuais, alguns vilipendiam o problema da idolatria do esporte. Muitos americanos se lançam aos esportes com vigor e dedicação fora do comum.

Assim, nos programas de esportes típicos, Spalding arrazoa que deve ser praticado muito exercício para produzir os mesmos resultados, exigindo quantidade desproporcional de orientação para suavizar os problemas inerentes. Ele salienta que se empregássemos o mesmo esforço em terreno mais fértil, os resultados seriam maravilhosos.

Devemos evitar dogmatismo com relação a que espécie de atividades constitui hoje o solo fértil, pois não encontramos nenhuma resposta fácil. Minha opinião pessoal é a de que se as oportunidades de trabalho manual são limitadas por causa de nossa sociedade urbanizada e mecanizada, as atividades para desenvolver a aptidão física oferecem um bom substituto. Exercícios aeróbicos tais como correr, andar com passo firme, nadar, ciclismo, combinados com atividades musculoesqueléticas, tais como exercícios de flexibilidade, calistênicos corporais pesados e levantamento de peso, todos aumentam a aptidão física.

Numa era em que as doenças circulatórias e a obesidade têm alcançado proporções epidêmicas, tal realce é, certamente, necessário ao máximo. Milhões de americanos enfrentaram o desafio da aptidão, tornando-se ativos participantes da maior revolução americana de aptidão já existente.

Ellen White promoveu o exercício em favor da aptidão física; ela mesma se dedicou aos calistênicos do andar rápido e da respiração profunda. Enquanto salientava que “o cultivo do solo produz com sua ação todos os movimen-

tos que jamais foram praticados no salão de ginástica",⁴² ela defendia com ardor o andar de pressa. "Ministros, professores, alunos e outros obreiros intelectuais, sofrem freqüentemente doenças provenientes de pesado esforço mental não atenuado pelo exercício físico. O que essas pessoas precisam é de uma vida mais ativa... Aqueles cujos hábitos são sedentários devem, quando o tempo permitir, fazer exercício ao ar livre todos os dias, de verão e de inverno. Caminhar é preferível... pois movimentam mais músculos. Os pulmões são forçados a uma ação benéfica, uma vez que é impossível andar em passo vivo sem os dilatar."⁴³

Exercícios como correr, andar, ciclismo e outros, denominados aeróbicos, podem contribuir grandemente para proporcionar boa saúde, ao lado do cultivo do solo.

A Sra. White defendia essa espécie de exercício e a punha em prática.

Em nossos programas estudantis pode ser dado mais espaço a atividades recreativas ao ar livre, tais como velejar, andar de canoa, sobreviver no deserto, acampamento e atividades do gênero. Mais atenção às "artes aplicadas" modernas e às habilidades vocacionais em nossos currículos educacionais, poderia ajudar a qualificar nossos estudantes para vocações secundárias. Esses programas, combinados com um realce sobre aptidão física, poderiam oferecer a atividade de que nossos estudantes necessitam, bem como desenvolver traços de caráter tais como disciplina, lutar por um alvo, e amor aos de fora. Naturalmente, mesmo estas atividades podem tornar-se competitivas e todo-absorventes, mas talvez seu potencial de mau uso seja menor.

Algumas pessoas acham que pelo fato de muitos aspectos da vida serem competitivos (a procura de boas notas, de um companheiro para a vida, ou uma ocupação) a participação bem-sucedida nos esportes proporciona um bom preparo. Outros dizem que como "peregrinos na Terra", os cristãos são "súditos do reino de

Deus" (Filip. 4:20), e "por isso não mais se conformam com o modelo deste mundo" (Rom. 12:1). Eles arrazoam que o pecado da inconstância, da luta pela supremacia e a grandeza, é uma falta humana comum, uma preocupação contra a qual Cristo precisava aconselhar sempre os Seus discípulos. Aquele que "não teve por usurpação ser igual a Deus" (Filip. 2:6), ressaltou que "aquele que entre vós todos for o menor, esse mesmo é grande" (S. Luc. 9:48).

Em seu livro *Love Not the World*, Watchman Nee lembrou que como cristãos não podemos agir da maneira que as pessoas do mundo agem. "Os cristãos são realmente estrangeiros que vivem aqui em um elemento que não é naturalmente seu. Um nadador pode mergulhar profundamente no mar, mas, sem roupa especial e ligação direta com a atmosfera que lhe pertence, não pode permanecer ali. A pressão é muito grande e ele precisa respirar o ar do mundo ao qual pertence."⁴⁴

Poderia ser, então, que os esportes desfigurem a verdadeira compreensão do conceito bíblico de verdadeira grandeza? A participação nos esportes pode mostrar-se excelente para as pessoas do mundo, pois a vida é muito competitiva. Para o povo de Deus, porém, a arena artificial dos esportes pode oferecer antes um preparo desprezível para o estilo de vida de Deus. "O fermento da verdade não produzirá espírito de rivalidade, amor de ambição, desejo de primazia."⁴⁵

Poderia a participação regular nos esportes confundir também nossa compreensão do prazer piedoso — o prazer de conhecê-Lo e comungar com Ele? Como escreveu o salmista: "Fizeste-me conhecer a vereda da vida; encher-me-ás de alegria em Tua presença, de prazeres eternos em Tua mão direita" (Sal. 16:11, NIV). O prazer dos esportes pode diminuir-nos a capacidade de apreciar os prazeres mais sutis envolvidos no conhecimento de Deus. Se alguma coisa deve inspirar-nos o entusiasmo, o prazer ou o deleite, esta deve ser a cruz de Cristo!

Quaisquer reformas nesse sentido, precisam ser cuidadosamente consideradas. Qualquer discussão sobre o assunto dos esportes em nossas escolas deve vir no contexto de onde nos posicionamos como igreja. Preocupo-me ao pensar que nossas escolas se estejam tornando mais e mais semelhantes às escolas públicas. A moderna estratégia de *marketing* encarece que os grupos devem colocar-se no lugar do

mercado, oferecendo um serviço especializado a um certo grupo em mira. Nossa notabilidade espiritual pode não ser discernível por nossos jovens, ajudando talvez a explicar por que mais da metade deles escolhem sua educação em outro lugar. Nossa verdadeira ocupação é assegurar que estamos andando no caminho de Deus e não em nosso próprio caminho.

Ellen White alimentava grandes esperanças pelas nossas escolas. Em 1894, enquanto estava na Austrália, ajudando a preparar o programa em Avondale, escreveu: "Nossas instituições de ensino podem pender para a conformidade mundana. Podem avançar passo a passo em direção ao mundo; são, porém, prisioneiros de esperança, e Deus as corrigirá e iluminará, trazendo-as de volta a sua honrada posição de separação do mundo. Estou observando com intenso interesse, esperando ver nossas escolas completamente imbuídas do espírito da religião pura e sem mácula. Quando estiverem assim imbuídos, os estudantes verão que há uma grande obra a ser feita segundo as normas de acordo com as quais Cristo trabalhava, e o tempo que eles têm dedicado às diversões será empregado para a realização de diligente trabalho missionário."⁴⁶

te esportes e diversões. No arquivo da Universidade de Loma Linda, na Sala de Herança.

11. *Ibidem*.

12. *Ibidem*.

13. *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, págs. 321-328.

14. Arquivos de Documentos de White, 249d.

15. *Fundamentos da Educação Cristã*, págs. 220-230.

16. Arquivos do Documentos de White, 249d.

17. W. J. Gibson, *The History of Seventh-day Adventist Education in Australia and New Zealand* (teses para a Universidade de Melbourne; pode ser obtida na Sala de Herança da Universidade de Loma Linda). Ver também C. H. Schowe, *The History of Avondale College* (Loma Linda University Heritage Room).

18. *Fundamentos da Educação Cristã*, págs. 310-327; 416-424. Ver também *Testimonies*, vol. 6, págs. 126-218.

19. E. G. White, carta a "The Friends of the School", 20 de dezembro de 1896. L-60a-1896, Loma Linda University Heritage Room.

20. *Fundamentos da Educação Cristã*, págs. 310-327; 416-424. Ver também *Testimonies*, vol. 6, págs. 126-218.

21. E. K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers*.

22. *Ibidem*.

23. W. J. Gibson, *The History of Seventh-day Adventist Education in Australia and New Zealand*; C. H. Schowe, *The History of Avondale College*.

24. Arquivos de Documentos de White 250a. Carta do Prof. C. B. Hughes ao Pastor W. C. White, Keene, Texas, 22 de julho de 1912.

25. Arquivos de Documentos de White 250a.

26. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, págs. 348-354.

27. Arquivos de Documentos de White, 250d. Backgrounds on Sports and Recreation, carta de W. C. White a W. L. H. Baker, 24 de abril de 1900.

28. Arquivos de Documentos de White 250a.

29. *Ibidem*.

30. Manuscript Release \$553. Divertimentos no Colégio de Avondale. Registros do Diário de Ellen White, 16-18 de abril de 1900.

31. Arquivos de Documentos de White 250d.

32. E. K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers*.

33. H. Christman and G. Christman, *Madison, God's Beautiful Farm* Mountain View, Califórnia: Pacific Press Publishing Assoc., 1979).

34. E. K. Vande Vere. *The Wisdom Seekers*.

35. Ellen G. White, *Review and Herald* 89(40): 3 de outubro de 1912.

36. E. K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers*.

37. W. E. Howell, "Working to the Pattern in Christian Education", *Review and Herald* 103(12): 25 de março de 1926, pág. 9. Ver também *Review and Herald*, 105(6); A. W. Spalding,

série de artigos sobre esportes e recreação, *Review and Herald*, 11, 18 e 25 de setembro; 2, 9 e 16 de outubro de 1947.

38. *Mensagens Escolhidas*, Livro 3, pág. 217.

39. *Educação*, pág. 30.

40. *O Lar Adventista*, pág. 499.

41. A. Spalding, *Who Is the Greatest?* (Mountain View, Califórnia: Pacific Press Publishing Assn., pág. 96.

42. *Fundamentos da Educação Cristã*, págs. 72-75.

43. *A Ciência do Bom Viver*, págs. 238 e 240.

44. W. Nee, *Love Not the World* (Fort Washington, ()): Christian Literature Crusade, 1968), pág. 77.

45. *Parábolas de Jesus*, pág. 101.

46. *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 290.

1. *Testimonies*, vol. 3, págs. 131-169.

2. *Ibidem*.

3. F. E. Leonard; G. B. Affleck, *The History of Physical Education* (Filadélfia, Pensilvânia: Lea and Febiger, 1947). Ver também J. Brubacher, *A History of the Problems of Education* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., Inc., 1947); E. P. Cubberly, *The History of Education* (Cambridge: Riverside Press, Houghton Mifflin Co., 1948); C. W. Hackensmith, *History of Physical Education* (Nova Iorque: Harper & Row, 1966); R. F. Butts, *A Cultural History of Western Education* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., Inc., 1955); J. Mulhern, *A History of Education: A Social Interpretation* (Nova Iorque: The Ronald Press Co., 1958); E. A. Rice, J. L. Hutchinson, and M. Lee, *A Brief History of Physical Education* (Nova Iorque: The Ronald Press Co., 1958).

4. F. E. Leonard, G. A. Affleck. *The History of Physical Education*.

5. *Ibidem*.

6. E. A. Rice, J. L. Hutchinson, and M. Lee, *A Brief History of Physical Education*.

7. Spears Swanson, and Smith, *History of Sport and Physical Activity in the United States* (Dubuque, Iowa: Wm. C. Brown Co., 1978).

8. E. K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers*.

9. *Ibidem*.

10. White Document Files, 249d. Um bloco de correspondência entre E. G. White na Austrália e W. W. Prescott com respeito a assuntos escolares em Battle Creek, particularmen-

Como Agir com os que não Amam ao Senhor?

Sete maneiras de ajudar nossos entes queridos a aprenderem a amar realmente ao Senhor.

Por vezes, a vida se parece muito mais difícil. Como ao fim de um longo dia no qual você aconselhou um casal prestes a se divorciar (e hostil), e se compadeceu de três pessoas separadas pelo divórcio (e hostis); depois você precisa voltar para casa, sabendo que lá encontrará alguém a quem você ama, que não ama ao Senhor.

O que faz você quando é o pastor do rebanho e uma das ovelhas de seu redil mais próximo está sempre fugindo?

O que entende você, quando lê as palavras de Paulo no capítulo três de sua primeira epístola a Timóteo, com relação a alguém a quem você ama e que não ama ao Senhor?

A inclinação humana é governar com mão de ferro. Afinal, considere I Tim. 3:4: "Que governe bem... seus filhos em sujeição... (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?)" E até onde se refere às mulheres (esposas, irmãs e filhas): "A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição" (I Tim. 2:11).

Já não nos temos todos encontrado usando tais referências escriturísticas para justificar declarações pesadas que começam com as palavras: "Se ao menos você se portasse... vestisse... usasse.. fizesse... dissesse..."

É desagradável quando sua própria casa aparece em desordem total, especialmente quando você é o pastor e sua família "deveria" dar um bom exemplo!

O que faz você quando sua filha se recusa a fre-

qüentar uma escola cristã? O que faz quando ela vai à igreja usando um vestido vermelho vivo com as unhas e lábios pintados para combinar, e um longo colar de pérolas em volta do pescoço e brincos de pérolas nas orelhas?

O que faz você quando seu filho corta o cabelo em estilo militar de um lado da cabeça e, do outro, em estilo *hippie*, com mechas amarelas e vermelhas do lado longo? O que faria você se visse seu filho com essa aparência pela primeira vez, ao levantar-se para pregar o sermão que preparou sobre o tema: "Amando com o Amor com que Temos Sido Amados"?

O que diria a estes, seus filhos, quando estivesse a sós com eles?

O que fará você se depois de anos de casados sua esposa admitir que *detesta* ser esposa de pastor, duvidar do cuidado de Deus, duvidar ainda mais do *seu* cuidado, e disser que se recusa a continuar fingindo?

O que todas estas situações têm em comum? Todas elas servem para ameaçá-lo. Servem para destruir sua credibilidade. Tiram-lhe a estima. E a reação humana natural é proteger-se com uma ou outra forma de hostilidade.

Às vezes "o pastor bonachão" disfarça a hostilidade, achando que nem tudo está errado, recusando-se a comentar a atitude de cada um. Mas se não sabe como realmente se sente, você se irritará inevitavelmente com tanta hostilidade reprimida, que revela em seus atos, anunciando estrepitosamente, mas sem palavras: "Você me humilhou e odeio isto!"

Katie Tonn-Oliver
Escritora e oradora pública

Em *Escaping the Hostility Trap* (Escapando da Cilada da Hostilidade) Milton Layden vai às origens, reações e interações da hostilidade. Ele mostra a hostilidade em ação de várias perspectivas interpessoais. Ao chegar ao final do livro, o leitor está convencido de que nenhum ser humano que já existiu, escapou dos sentimentos que conduzem à defesa própria hostil — mesmo Jesus — e que todos os seres humanos — com exceção de Jesus — já se defenderam com hostilidade. Layden capacita o leitor a ver como difundir a hostilidade em nós mesmos e em outros. Ao assim fazer, acrescenta ele uma nova dimensão ao conceito de oferecer o outro lado da face.

Mas, antes que você compre o livro de Layden e o leia, o que fazer? Atente para estes três fatos aparentemente difíceis de crer, mas, verdadeiros: 1) todas as pessoas, mesmo as aparentemente mais repugnantes ou depravadas, estão fazendo o melhor que podem com o que possuem; 2) se você fosse a outra pessoa — com a mesma constituição bioquímica, psicológica, ambiental, temperamental, sexual, emocional, genealógica e espiritual — procederia e falaria da mesma forma que ela; 3) você também está fazendo o melhor que pode com aquilo que tem.

Amando os que não amam a Deus

As sete sugestões seguintes, baseadas nas Escrituras, nos escritos de Ellen White e em minha própria experiência, podem ajudá-lo a amar verdadeiramente aqueles aos quais você gostaria de levar a amarem seu Senhor.

1. “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (S. João 13:34 e 35).

A cláusula mais importante nestes versos é “como Eu vos amei”. Enquanto não entendermos a vastidão do incondicional amor de Deus em Cristo Jesus e a profundidade de nossa própria necessidade de Seu gracioso dom, possivelmente não

possamos começar a amar aos outros incondicionalmente. Você, o dirigente cristão e pastor, não merece o amor de Deus. Você não pode fazer jus ao amor de Deus, embora Deus o ame sem reservas. Este amor é incondicional. Enquanto a salvação está condicionada a você aceitá-la diariamente, o amor de Deus jamais fenece, jamais sofre alteração. *Nada*, absolutamente, pode separá-lo do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor. Pare agora e leia novamente Romanos 8:28-39. Deus o ama como você é. Pode você amar seu ente querido como ele é?

2. “Medidas arbitrarias ou ataques diretos podem deixar de produzir efeito no sentido de levar estes jovens a abandonar o que têm na conta de precioso” (*Educação*, pág. 297).

“Tende um profundo senso do valor das almas... Sede sábios para discernir que enquanto a fidelidade e a bondade conquistarão almas, o rigor jamais o fará. Palavras e atos arbitrários despertam as piores paixões do coração humano” (*Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 134).

Isaías 61:10 e 11 oferece uma metáfora vívida do que parece ser achar-se vestido com a justiça de Cristo e crescer em um ambiente seguro: “Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me vesti de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como um noivo que se adorna com atavios, e como noiva que se enfeita com as suas jóias. Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o horto faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações.”

Há em minha Bíblia, na margem próxima a estes versos, algumas frases que escrevi faz anos: “Nada cresce forçado pelos olhos ou a produção”; “tudo cresceu naturalmente; a vinha cresceu e frutificou na estação própria (ver Salmo 1).”

Se esquecermos que Deus permite que crescamos organicamente, se o desejarmos, sem os pesticidas venenosos (as palavras arbitrarias), acharemos que temos o dever de acabar com o pecado que observamos nos outros. É natural ao ser humano querer fazer isto; de maneira que se você usou palavras dogmáticas e arbitrarias contra outra pessoa, não se condene! Deus não faz isto!

Pode ser que a única maneira de nossos entes queridos, que não amam a nosso Senhor, virem algum dia a receber a luz de Seu incondicional amor seja através daquilo que vêm em nós.

Tornamo-nos aquilo que contemplamos. Somos também aquilo que comemos. Se nosso alimento espiritual é Jesus (ver S. João 6), tornamos-nos mais e mais semelhantes a Jesus. Quando olhamos para este texto em II Coríntios como se estivéssemos virando pelo avesso uma peça de vestuário, podemos ver o outro lado da metáfora. Os outros se tornam aquilo que neles contemplamos. Com os olhos de Jesus, seremos capazes de ver nos outros boas qualidades para aprovar e admirar. Quando aprovamos e admiramos estas boas qualidades, elas se tornam mais fortes.

4. "Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará; porque Eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos Eu remirei" (Isa. 49:25).

As promessas deste verso são palavras poderosas que oferecem esperança. Mesmo os maiores cativos e os presos mais terríveis, podem ser libertados por Deus. O mesmo Deus contendrá com o seu acusador ("os que contendem contigo") e remirá os teus filhos. Por meio do processo de sua salvação, seus filhos serão redimidos.

A lição espiritual aqui é tão profunda que muitas vezes não percebemos. Se lermos as entrelinhas, veremos que nossa responsabilidade é apenas ser. Contemplar a Cristo. Permitir que o Senhor contenda com nossos acusadores. Confiar em que nossos filhos serão salvos. Tudo isto ocorre num clima de amor. Amor a nós mesmos, aos outros, a Deus; porque Ele nos amou primeiro.

Meus amigos çaçam de mim com respeito ao que chamam de "paráfrases Katie" da Escritura, mas a do verso acima é bela demais para deixar de ser partilhada: Mesmo os cativos de drogas e os presos pelo vício serão libertados. Deus assumirá a responsabilidade de travar as batalhas por você, caso você lute a peleja da fé em seu próprio favor (ver I Tim. 6:12 e 13). Quando seus filhos observam em você a paz, o amor e a serenidade de Deus, ainda que eles o enfrentem com as manifestações de seu cativo, saberão que Deus os ama como eles são, pois você os estará amando como são.

Sei que minhas paráfrases não são inteiramente válidas para o contexto da passagem bíblica; todavia, preferi ler o significado do verso. Mas, para que você não pense que fui infiel ao princípio bíblico, veja de novo II Cor. 3:1-6, onde Paulo fala de "cartas vivas" — pessoas que

são palavras escritas por Deus.

Assim, quando os outros são transformados pela maneira como você os trata, são transformados também por aquilo que podem ver em você.

5. "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor... Vós maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela... Assim devem os maridos amar a suas mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo" (Efés. 5:22, 25 e 28).

Suponhamos que você seja um dedicado estudioso e sua esposa seja uma pessoa frívola. Digamos que *goste* de examinar profundamente as Escrituras, *goste* de organizar seus sermões, *goste* mais de escrever seus sermões do que de pregá-los, mas se casou com uma mulher que parece gostar mais de falar com as pessoas, e que disputa com os adolescentes o monopólio do telefone. Em lugar de aprovar a maneira como difere ela de você, nega-lhe você o seu amor até que ela deixe de falar o suficiente para ler algo realmente profundo e de valor?

Ou o que dizer se você está sempre pronto e sua esposa habitualmente atrasada? Pode um marido otimista, casado com uma esposa pessimista, manter uma boa conversação sem se tornarem hostis um ao outro?

Compreender que cada pessoa age de acordo com uma perspectiva particular baseada em seu próprio temperamento, pode ajudar. Cada um de nós vê o mundo em que vive de uma perspectiva especial. Conseqüentemente, sua versão do evangelho pode ser incompreensível para sua esposa, para seus filhos, ou mesmo para os membros de sua igreja. E nada pode haver de errado quer com a sua versão do evangelho, quer com a deles. Não estamos falando de injustiça ou justiça, mas de diferenças.

6. Devemos pedir a Deus a habilidade para

O exemplo é e continuará sendo um forte apelo ao coração das pessoas. E a vida em que o amor é exemplificado exerce uma grande influência sobre outras vidas.

amar aqueles que diferem de nós, ou mesmo se nos opõem. “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós” (II Cor. 4:6 e 7).

Deus pôs Sua graça, a luz do Seu amor, em você — um vaso de barro, quebrado e trincado. O grego aqui usado indica que esses vasos são muito frágeis. Se nós, pastores, pregadores, líderes e professores quisermos ser vasos totalmente unidos, como pode então a glória de Deus brilhar no mundo por nosso intermédio? Não deveríamos lembrar que leva toda uma vida para que a santificação seja operada em nós? Não devemos compreender que não podemos pregar nenhuma mensagem de reconciliação a menos que falemos de como nós mesmos fomos (e estamos sendo) reconciliados?

Em S. Mateus 25, lemos sobre aquilo que distingue as ovelhas dos lobos: as ovelhas amam as pessoas como se cada uma fosse o próprio Jesus. Em cada pessoa com a qual entram em contato, vêem elas a Jesus, ministram a Jesus, alimentam a Jesus.

7. Se você se está esforçando para amar realmente alguém que não ama ao seu Senhor, que nem mesmo parece amar a você, leia novamente o livro de Oséias. Vez após vez, nesta pará-

bola viva do incondicional amor de Deus pelas pessoas, podemos ouvi-Lo dizer, referindo-Se a elas, embora impenitentes como são: “Como poderia despedi-lo?” E Oséias termina com esta nota: “Quem é sábio, para que entenda estas coisas? prudente, para que as saiba? porque os caminhos do Senhor são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão” (Oséias 14:9). (E em minha Bíblia, tenho escrito no rodapé: “Mas todos estamos nos caminhos do Senhor, ver Isaías 55 e 58.”)

Finalmente, fique sabendo que este artigo não é um mero jato intelectual de idéias; permita dizer-lhe que tenho uma base em teologia, comunicação e ciências do comportamento, levo minha vida como escritora e oradora pública e sou casada com um homem que não só tem o temperamento oposto ao meu, mas que geralmente responde a nosso Abba, Pai com “Deus, Quem?”

Não é fácil aprender a amar. Manter esse amor é difícil. Mas creio que o amor operará o milagre.

A muito custo posso esperar, literalmente, porque o esperar é a coisa mais difícil. Vagrosa, quase imperceptivelmente, ocorrem as mudanças nele. As maiores mudanças, porém, têm ocorrido e ocorrem em mim.

À pergunta: “Que fazer quando alguém que você ama não ama a seu Senhor?”

Resposta: “Ame-o, ame-os... sem cláusulas condicionais.”

Teologia da Saúde

"Coroa da criação, o homem é a mais bela, complexa e perfeita estrutura que conhecemos".

Criatura inteligente feita por Deus à Sua imagem, o homem é, por isso, filho de Deus (Luc. 3:23 e 38).

"Criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (Gên. 1:27). Expõe-se aqui com clareza a origem da raça humana. Não existe fundamento algum para a suposição de que o homem veio a existir por um lento processo evolutivo de formas inferiores da vida animal ou vegetal. Nossa linhagem não remonta a uma série de germes, moluscos ou quadrúpedes, mas a um grande Criador. Embora Adão tenha sido formado do pó, era "filho de Deus" (Luc. 3:38; PP, 25). A teoria da evolução pressupõe: 1) A eternidade da matéria ou a capacidade do vazio absoluto para criar a matéria. 2) A geração espontânea da vida (por casualidade). 3) Sabedoria ordenadora nas forças cegas da Natureza. 4) Capacidade do *nada* para organizar o *todo* inteligentemente e produzir beleza.

A teoria evolucionista da origem do homem depende de uma cadeia de absurdos. O rompimento de seu elo mais fraco a desmorona e desfaz, mas, como cada uma de suas partes é falsa, a aceitação do todo só é possível mediante raciocínio néscio e obscurecido (Rom. 1:21 e 22). Ao contrário, há coerência lógica em aceitar a existência do "Artífice e Construtor" (Heb. 11:10), ante a realidade de um edifício magnífico, funcional, útil e perfeitamente adaptado às necessidades de seus moradores; e em aceitar a existência do *Amoroso Artista*, ao percebermos e recebermos os incontáveis dons de beleza que Lhe procedem das mãos e nos enchem de alegria (Sal. 16:11).

Maravilhosamente formado

"Pois possuíste os meus rins; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu Te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado" (Sal. 139:13 e 14).

Algumas maravilhas da estrutura humana. —

- 1) Os meios transparentes do olho.
- 2) A fotorregulação automática da íris.
- 3) A impressão cromática da retina.
- 4) A telemetria por meio de visão binocular trigonométrica.
- 5) A caixa timpânica e a transmissão pneumática-óssea-líquida do som.
- 6) O caracol do ouvido interno, o órgão de Corti e a percepção do som.
- 7) O "sonar" acústico por audição binaural e a situação espacial das fontes sonoras.
- 8) A circulação do influxo nervoso.
- 9) A neurotransmissão nas sinapses.
- 10) A auto-regulação computadorizada cerebral do equilíbrio estático e dinâmico.
- 11) A transmissão neuro-muscular e a resposta contrátil.
- 12) Os mecanismos de auto-regulação por retroalimentação na homeostase.
- 13) As espirais de ADR e o código genético.
- 14) Os mecanismos de coagulação e anticoagulação.
- 15) Os mecanismos de imunidade celular e hormonal.
- 16) A homeostase.
- 17) A hematopoese.
- 18) A redução cromática nas células germinativas.
- 19) A fecundação, a nidação e o desenvolvimento do embrião.
- 20) Por último, uma infinidade de outras incontáveis maravilhas (Sal. 139:16-18).

"Quão preciosos me são, ó Deus, os Teus pensamentos! Quão grandes são as somas deles! Se

as contasse, seriam em maior número do que a areia..."

Coroa da criação, o homem é a mais bela, complexa e perfeita estrutura que conhecemos.

"Aquele que estabeleceu os mundos estelares nos altos céus, e com delicada perícia coloriu as flores do campo, Aquele que encheu a Terra e os céus com as maravilhas do Seu poder, vindo a coroar Sua obra gloriosa a fim de pôr em seu meio alguém para ser o governador da linda Terra, não deixou de criar um ser digno das mãos que lhe deram vida" *Patriarcas e Profetas*, pág. 28, e criou o homem.

Antropologia (Gênesis 2:7)

Deus não fez um boneco de barro; fez o homem do pó da terra. Temos uma estrutura material (Sal. 103:14), mas em nosso corpo, que é feito de pó, Deus opera o milagre da vida por meio de Seu Espírito (Jó 33:4). Não há vida humana fora do corpo. "O corpo é o único meio pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do caráter" (M.C., 91).

A mente do homem é função exclusiva do corpo do homem e, em particular, de um de seus órgãos, o cérebro.

"Os nervos cerebrais que se comunicam com todo o organismo, são os únicos meios pelos

quais o Céu se pode comunicar com o homem, e influenciar sua vida mais íntima." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 257.

Em Gênesis 2:7, encontramos a "síntese" da vida humana:

— O pó da terra (corpo) + o fôlego de vida (espírito) = ser vivente (alma vivente).

Em Eclesiastes 12:7, encontramos a "diérese", isto é, a morte do homem, quando "o pó volta à terra, como o era (Gên. 3:19), e o espírito volta a Deus, que o deu" (Sal. 104:29 e 30).

Conceito holístico

O conceito dualista do homem, que concebe a existência de uma alma imaterial e imortal encerrada em um corpo material e mortal, foi introduzido pelo "pai da mentira" em todas as civilizações pagãs. Aristóteles e Platão descreviam a morte como "a libertação da alma da prisão do corpo".¹ Essa doutrina pagã atravessou a filosofia grega e chegou à teologia católica.

O conceito bíblico do homem é definitivamente monista (mono = um), ou unicista. "O homem é uma unidade indivisível, não desdobrável."² A fim de entendermos o significado das passagens bíblicas que descrevem a estrutura do homem, apresentamos o seguinte quadro.³

| Hebraico | Grego | Português |
|--------------------|--------|---|
| basar ⁴ | soma | corpo, carne, pessoa, "eu". |
| ruach | pneuma | espírito, sopro, funções intelectuais, vontade, emoções, hálito. |
| nefesh | psuchê | alma, vida, desejos, psique, "vida tal como expressão conjunta de todos os fatores que constituem a personalidade humana". ⁵ |

A aparente complexidade desta terminologia fica resolvida se levarmos em consideração a concepção monista dos autores bíblicos. "O israelita não faz diferença entre as funções psíquicas e o corpo... o israelita é monista, o que significa que para ele o homem é uma unidade indivisível: alma, corpo e espírito."⁶

Quando os autores bíblicos utilizam estes e outros termos para descrever o homem, valem-se de "sinédoques" (figuras literárias que tomam a parte pelo todo). O paralelismo ideológico da poesia hebraica contribui grandemente para esclarecer este princípio.

— Sal. 103:1: minha alma = todo o meu ser = todas as minhas entranhas (Rainha Valéria 1909, Dujovne-Konstantinowsky)

— Sal. 63:2: minha alma = minha carne

— Sal. 84:2: minha alma = meu coração = minha carne

— Jó 12:10: alma (nefesh) = hálito (ruach)

— Dan. 4:16; 5:21: coração = mente

— Sal. 51:17; Isa. 57:15: espírito = coração

— Sal. 19:14; Luc. 6:45: boca = coração

O texto bíblico fundamental para a concepção "holística" do homem encontra-se em I Tess. 5:23. "E o mesmo Deus de paz vos santifique em *tudo* (holoteleis); e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." "Paulo não fala do homem como de um ser triplo, composto de espírito, alma e corpo, mas como um ser total, que tem três formas diferentes de manifestar-se... Através de todas as suas páginas, a Bíblia apresenta um monismo inalterável. Significa isto, que ela descreve o homem como uma unidade perfeita e indivisível... O corpo (soma) expressa a total personalidade humana como uma realidade física; o espírito (pneuma) manifesta o homem total como um ser inteligente; e a alma (psuchê) expõe a totalidade do homem como um ser vivente."⁷

Quando Paulo diz: "E o Deus de paz vos santifique em tudo", usa a palavra 'holoteleis', formada por 'holos' que significa 'todo', inteiro; e 'telos', que significa finalidade, objetivo.

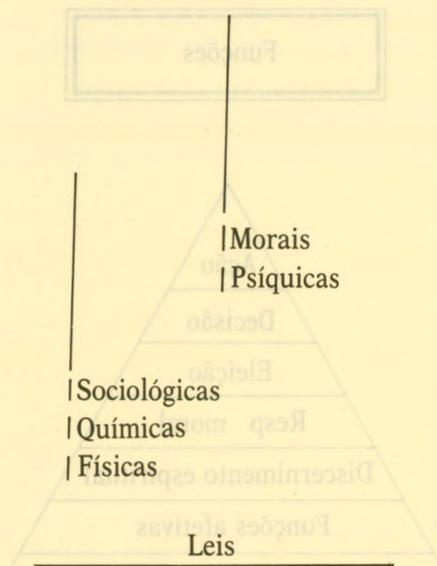
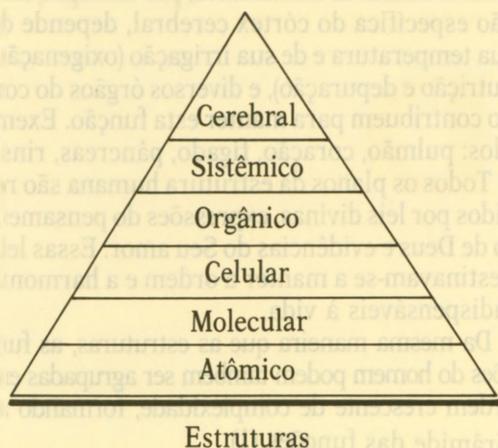
O homem deve ser santificado em sua totalidade; do contrário, não pode ser santificado. Seu ser, como um todo indivisível, só consegue a total harmonia da personalidade quando é

santificado e guardado irrepreensível pelo Deus de paz.

Estrutura do homem

Feito do pó da terra à imagem de Deus e vivificado por Seu Espírito, o homem é, portanto, uma estrutura material na qual o Espírito Santo opera o milagre da vida inteligente.

Pirâmide das estruturas:



Na cúspide desta pirâmide está o cérebro, a estrutura material mais complexa e perfeita conhecida pelo homem, mas que muito excede à sua compreensão. Foi comparada a um computador, mas na realidade funciona como um as-

sombroso complexo de computadores interligados, de ilimitada capacidade. Pó da terra, organizado por Deus para pensar, escolher, decidir, alegrar-se e amar.

Número de neurônios por ocasião do nascimento: 12 bilhões

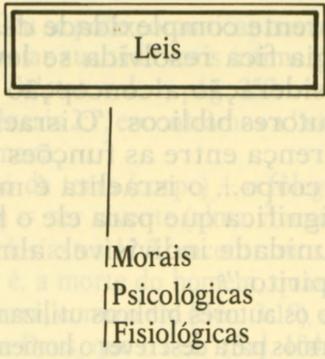
Células de sustentação: aproximadamente 10 por neurônio

Maturação do S. N. C.: mielinização, botões pré-sinápticos, vias de facilitação. Hábitos e aprendizagem. ;

Todos os planos subjacentes ao cérebro, na pirâmide de estruturas, apóiam a função cerebral. O estado de consciência, por exemplo, função específica do córtex cerebral, depende de sua temperatura e de sua irrigação (oxigenação, nutrição e depuração), e diversos órgãos do corpo contribuem para manter esta função. Exemplos: pulmão, coração, fígado, pâncreas, rins.

Todos os planos da estrutura humana são regidos por leis divinas, expressões do pensamento de Deus e evidências do Seu amor. Essas leis destinavam-se a manter a ordem e a harmonia indispensáveis à vida.

Da mesma maneira que as estruturas, as funções do homem podem também ser agrupadas em ordem crescente de complexidade, formando a Pirâmide das funções (1)



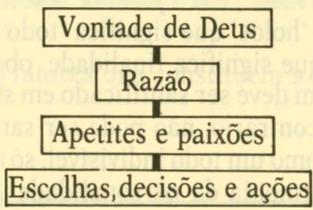
(Modificado de Mervyn Hardinge — Congresso de Med. Preventiva, 1984)

“Desde que o espírito e a alma encontram expressão mediante o corpo, tanto o vigor mental como o espiritual dependem em grande parte da força e atividade físicas. O que quer que promova a saúde física, promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem equilibrado. ... Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada como o caráter. Um conhecimento de fisiologia e higiene deve ser a base de todo esforço educativo.” — *Educação*, pág. 195.

“Como princípio fundamental de toda a educação neste assunto, deve-se ensinar à juventude que as leis da Natureza são as leis de Deus, verdadeiramente tão divinas como são os preceitos do decálogo. As leis que governam o nosso organismo físico, Deus as escreveu sobre cada nervo, músculo ou fibra do corpo.” — *Idem*, pág. 196.

No homem e na mulher perfeitos, criados por Deus, as leis da vida eram executadas de maneira absoluta e natural. Aqueles filhos de Deus estavam destinados à vida eterna, como o atesta sua ilimitada capacidade de desenvolvimento; e a harmonia e a ordem necessárias à vida, eram preservadas pela obediência.

“O homem foi formado à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus. A mente era capaz de compreender as coisas divinas. As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam sob o domínio da razão. Ele era santo e feliz, tendo a imagem de Deus, estando em perfeita obediência à Sua vontade.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 28.



“As mesmas grandes leis que guiam tanto a estrela como o átomo, dirigem a vida humana... São as leis da Inteligência todo-poderosa, as quais presidem às funções da alma. Dele procede toda a vida... Para todas as coisas de Sua criação, a condição é a mesma: uma vida que se mantém pela recepção da vida de Deus, uma vida exercida de acordo com a vontade do Criador.” — *Educação*, pág. 99.

1. Platão, *Phaedo*, pág. 63.
 2. M. Veloso, *Concílio médico adventista*, 1986.
 3. M. Veloso, *Comentário Antropológico de I Tess. 5:23*, págs. 3-5.
 4. Georges Pidoux, *El Hombre en el Antiguo Testamento*, págs. 11 e 12 e 24-26.
 5. M. Veloso, *Comentário Antropológico de I Tess. 5:23*, págs. 1 e 3.
 6. Georges Pidoux, *El Hombre en el Antiguo Testamento*, págs. 1 e 2.
 7. M. Veloso, *Comentário Antropológico de I Tess. 5:23*, págs. 3-5.
-

Estresse Vocacional nos Pastores Adventistas

Os ministros adventistas enfrentam estafas significativas pela maneira como eles, suas Associações e suas congregações entendem suas funções.

Em 1956, Samuel Blizzard dirigiu o que se tornou um estudo clássico do papel do estresse no ministério paroquial protestante americano.¹

Nesse estudo, pediu-se a 690 clérigos que avaliassem seis funções que os ministros desempenham (pregador, pastor, sacerdote, professor, organizador e administrador), de três pontos de vista: importância, eficiência e satisfação. Blizzard comparou então as avaliações com um estudo pormenorizado de como 480 ministros rurais e urbanos gastam seu tempo. A tabela I apresenta os pormenores do estudo de Blizzard.

Desse estudo, surgiram várias descobertas significativas. A maior das quais, contudo, foi o “dilema administrativo” — a discrepância entre a quantidade de tempo gasto na administração e a pouca importância, eficiência e satisfação que os ministros atribuíram ao preencher aquela relação. A despeito do fato de considerarem a administração a menos importante de todas as suas atividades, os ministros gastavam mais tempo administrando do que fazendo outra qualquer coisa.

Ao comentar o estudo de Blizzard, D. P. Smith escreveu: “Os ministros não gostam muito de administrar, e acharam que não eram muito eficientes nisto. A frustração sugerida por essa disparidade parece ser confirmada por quase todo o estudo feito sobre o assunto. Os clérigos, de um modo geral, não apreciam suas responsabilidades organizacionais e administrativas,

acham que estes deveres não são importantes e pensam que não fazem bem tais coisas, embora se achem gastando mais tempo nelas do que em qualquer outra coisa.”²

Um estudo Episcopal confirmou que a função administrativa produz conflitos nos ministros. Os pesquisadores forneceram aos clérigos paroquiais uma lista de treze diferentes atividades pastorais e lhes pediram que mencionassem dentre elas suas cinco atividades mais importantes e as cinco menos importantes. Os clérigos colocaram a administração em terceiro lugar na lista das atividades que consideravam as menos importantes; e, em sétimo, na lista das atividades que menos apreciavam — e, contudo, indicaram que ela lhes tomava a maior parte do tempo produtivo. Além disso, indicaram que gastavam 62 por cento do tempo que dedicavam às atividades da igreja, com as cinco atividades de que menos gostavam.³

Outra área do conflito que o clero incluiu no estudo episcopal adotado, girava em torno de suas atividades intelectuais. Eles mencionaram a leitura e o estudo em segundo lugar na preferência, mas em quarto e quinto em tempo gasto. Além do mais, Blizzard descobriu que os pastores gastavam apenas 27 minutos por dia no preparo do sermão, embora tivessem a imagem do erudito como uma função modelo. Quando se lhes pediu que citassem algumas pessoas a quem admiravam ou que haviam exercido grande influência na maneira como eles pensavam e agiam como ministros, quase

Michael G. McBride
Conselheiro de saúde mental da família
Em Seguíim, Washington

metade mencionou os professores do seminário, e grande parte fez menção aos autores bem conhecidos. Os pastores às vezes têm seus guias escolares como um ideal, embora gastem a maior parte do seu tempo como profissionais.

A fim de determinar as origens e a extensão do estresse funcional que experimentam os ministros adventistas da Associação da União Norte do Pacífico, ampliei e modifiquei o modelo de Blizzard.⁴ Pedi a esses ministros que avaliassem nove funções principais, de seis pontos de vista: importância, eficiência, satisfação, tempo gasto, importância para a igreja local e importância para a administração da Associação. Cento e treze, dos 175 pastores da AUNP, preencheram e devolveram a pesquisa.

Além dos pastores, pesquisei todos os 15 presidentes de Associações, tesoureiros e secretários executivos da AUNP, pedindo-lhes que colocassem em grau de importância as mesmas nove funções. Cada um deles respondeu. Selecionei também, ao acaso, 200 nomes da lista do centro de computação da AUNP. Pedi então que cada um desses membros de igreja preenchesse a mesma lista de atividades de acordo com a importância. Mediante o envio de inúmeras cartas e de telefonemas, consegui 100% de respostas.

Este modelo difere do realizado por Blizzard em vários sentidos. Primeiro, ao contrário do tempo livre, do estudo dirigido por Blizzard, este estudo solicita a compreensão dos pastores quanto à maneira em que eles utilizam o seu tempo. Uma estimativa da compreensão dos pastores, pode representar uma exposição mais cabal do conflito, uma vez que ela representa o ambiente psicológico dos pastores.

Segundo, esse estudo se relacionou com a compreensão dos pastores a respeito de como duas atividades missionárias ligadas — a administração de Associação e da igreja local — tornam prioritária a importância das funções desempenhadas pelo clero.

Finalmente, para captar de maneira mais completa a incumbência do ministro adventista, este estudo usou um conjunto maior de atribuições. As nove que identifiquei, compreendem conselheiro, professor, pregador, visitador, administrador, evangelista público, evangelista pessoal, representante denominacional e obreiro social.

Achei que, quando as pessoas do ministério avaliassem as funções em ordem de importância, revelariam seu conceito do ministro ideal

e os alvos pelos quais lutavam no pastorado. A avaliação da eficiência destinava-se a indicar o grau de envolvimento pessoal do ministro em relação com cada função profissional. Podemos julgar o senso de eficiência de cada pastor como um indício de sua motivação ministerial. A avaliação do contentamento destinava-se a indicar o senso de satisfação que o pastor obtinha do desempenho da função. O item tempo gasto, mostra como os pastores vêem estas funções em atividade, em nível operacional de ministério de igreja. E os dados sobre Associação e congregação permitem ao indivíduo comparar as verdadeiras expectativas dessas duas funções missionárias afins, com a compreensão que têm os pastores de suas expectativas. A tabela 2 resume a avaliação das funções pelas categorias.

Os conflitos que os pastores adventistas enfrentam

Várias descobertas foram feitas como resultado deste estudo:

1. *Administração.* — Uma importante descoberta foi a de que o ministro adventista também enfrenta conflito relacionado com a função administrativa. Os pastores consultados mencionaram um grande investimento de tempo em administração (2), embora dessem nota baixa para sua satisfação (6). Além disso, esses pastores tinham a tendência de valorizar demais a importância dos administradores de Associações e a secularidade ligada com esta função.

2. *Aconselhamento.* — A função de conselheiro desperta outro conflito. Os pastores têm a tendência de dar nota 6 à importância dessa função, 6 à sua eficiência na função, 5 ao prazer que nela sentem e 6 ao tempo que gastam desempenhando-a em nível constante. Há, contudo, uma considerável discrepância entre a importância que atribuem a essa função (6) e a maneira como a congregação a avalia. Os membros da igreja consultados, revelaram que consideravam essa função pastoral como a segunda em importância, exceto para a pregação.

Como os pastores, os administradores de Associação davam valor bem baixo ao aconselhamento, em sua lista de prioridades. Aqui, a compreensão dos pastores sobre expectativa de As-

sociação amplia a diferença. Os pastores são levados a ver os administradores como sendo ainda menos entusiastas quanto ao aconselhamento (8) do que o eram em realidade (7).

Afora essa questão, estas expectativas externas diferentes criam um estado de conflito de função.

3. *Evangelismo público.* — A função do pastor como evangelista público também gera conflito. Os pastores deram nota baixa à importância da eficiência e do prazer (7). Suas igrejas parecem concordar, ao lhes darem o sétimo lugar em importância. Contudo, tanto a avaliação do evangelismo público, feita pelos administradores, como a compreensão da importância dos administradores a ela ligados, revelam outras áreas de conflito de funções e do estresse vocacional.

Os pastores acreditam que seus “empregadores” consideram o evangelismo público como a segunda função mais importante. Esta idéia só poderia gerar tensão e ansiedade na mente de alguns pastores. Os dados parecem confirmar não só a suposição, como também a realidade, indicando um conflito real de funções. Os administradores de igreja consideraram o evangelismo público em quarto lugar, em ordem de importância. Uma vez que os administradores não a consideraram tão elevada quanto os pastores esperavam, a comunicação mais intensa entre os pastores e os administradores aliviará algumas das tensões. Não obstante, a tensão é real e merece maior consideração tanto pelos pastores como pelos administradores.

4. *Evangelismo pessoal.* — Em contraste com o seu ponto de vista da relação do evangelismo público para com sua função, os pastores consideram a atividade do evangelismo pessoal como sendo muito importante. Consideram-na como a segunda função mais importante. A esse respeito, estão exatamente em pé de igualdade tanto com as expectativas da Associação como com as da congregação. Os administradores apontaram o evangelismo pessoal como a função número um, enquanto a congregação a coloca em terceiro lugar. Embora os pastores tivessem a tendência de subestimar o ponto de vista de suas congregações no que se refere a esta função (5), eles perceberam claramente que ela era de primordial importância para os administradores.

O conflito de função e o estresse relacionado com a atividade entram nesta categoria, em termos do tempo que os pastores foram capa-

zes de dedicar a esta atividade. Enquanto eles consideraram o evangelismo pessoal como estando em segundo lugar em importância, indicaram-no em quarto lugar em tempo gasto. Parece que outras funções “menos importantes” — tais como a administração e a visitação — estão impedindo os pastores de dedicarem mais tempo e atenção a este importante aspecto do ministério.

5. *Ensinar.* — A ocupação de professor é outra função que dá sinal de conflito. Essa função inclui participação em educação religiosa como classe bíblica, planejar e/ou dirigir classe para a igreja, estudo, preparo, escrever e/ou pesquisar.

A função que o pastor exerce e o tempo que ele gasta para exercê-la, e a satisfação com que a exerce, podem revelar conflitos de funções e ocasionar o estresse.

Depois da pregação, os pastores pesquisadores gostavam principalmente do ensino. Além disso, eles indicaram essa função como a sua segunda mais eficaz. Esses pastores, contudo, apontaram o ensino como estando em quinto lugar, em termos de tempo gasto. Ao contrário da função administrativa, que recebe nota baixa quanto à satisfação, e alta quanto ao tempo gasto, a função de ensinar obteve nota alta quanto ao prazer, mas não é permitido expressão adequada. Estas prioridades às avessas indicam de maneira inquestionável a distorção da função.

6. *Visitar.* — A última área de conflito, descoberta por este estudo, aparece na função do pastor como visitador. Uma vez mais, os pastores avaliam de maneira mais uniforme a importância dessa função (4), sua eficácia (3), seu prazer (4), e o tempo gasto (3). O conflito fica bem patente, porém, quando comparamos a compreensão que tem o pastor, da importância que a congregação atribui a esta função, com a avaliação real, feita pela congregação.

Enquanto os pastores acham que a congregação considera a visitação como a segunda função mais importante do pastor, os membros

da igreja pesquisados a consideram, na verdade, como em sexto lugar. A visitação dos membros parece ser menos importante para os membros em geral da AUNP, do que pregar, aconselhar, evangelismo pessoal e ensinar. Uma vez que os pastores simbolicamente respondem e se comportam com base em sua compreensão, essa compreensão superficial poderia certamente contribuir para o conflito de função.

Expectativas contrárias produzem estresse

O espaço não permite uma discussão prolongada com relação às origens do conflito de função no ministério adventista. Não obstante, duas fontes são de especial importância, e representam o maior impacto sobre o pastor.

A primeira delas é a discrepância que existe entre a compreensão do pastor daquilo que a Associação considera como importante, e a verdadeira importância que a Associação atribui às várias funções. Por causa de sua compreensão relativa à administração, os pastores estão experimentando conflito mais intenso do que se justifica. Os administradores de igreja consideram a pregação, o aconselhamento e o ensino do pastor mais importantes; e o evangelismo público e a representação denominacional, menos importantes do que o consideram os pastores. Esta evidência sugere que a melhor comunicação entre pastores e administradores, no que tange às funções e às expectativas, reduziria uma grande fonte de tensão para os pastores.

A segunda — e mais significativa — fonte de tensão funcional é a discrepância que existe entre as expectativas da congregação quanto ao pastor e as que deste possui a Associação. A congregação avalia a função do pastor como conselheiro, consideravelmente mais elevada do que o faz a Associação, e dele espera significativamente menos como visitador e evangelista público. Os pastores são apanhados na superfície de contato entre estes dois grupos, e obrigados a viver entre ordens conflitantes. As pressões cruzadas tornam-lhes difícil atuar de maneira eficiente.

Deve-se ter em mente que as considerações acima se baseiam em dados de grupo; por isso, não se deveria dar lugar a generalidades em torno de um pastor, administrador ou congregação específicos. É válido, contudo, saber que as pressões ocupacionais estão presentes no ministério da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Além do mais, uma vez que os resultados estão fundamentados em dados de grupo, devemos lembrar que as médias têm a tendência de mascarar o fato de que foi atribuída a cada uma das funções uma alta avaliação por alguns membros de igreja. Essa falha estabelece a diferença entre as funções que intensificam o senso de ambigüidade que os pastores experimentam. O senso de tensão funcional se intensifica também quando membros-chave, embora sejam poucos, estão dando ordens confusas ao pastor. Noventa e cinco por cento dos membros podem concordar com as prioridades do pastor, mas, se houver uma minoria literal e/ou de influência, ilustre, essa minoria pode torcer o que de outro modo seria um ambiente relativamente livre de conflitos.

Tabela I
Ordem de Importância de Avaliação Própria dos Clérigos

| Função | Importância | Eficiência | Satisfação | Tempo Gasto |
|---------------|-------------|------------|------------|-------------|
| Pregador | 1 | 1 | 2 | 3 |
| Pastor | 2 | 2 | 1 | 2 |
| Sacerdote | 3 | 4 | 4 | 4 |
| Professor | 4 | 3 | 3 | 6 |
| Organizador | 5 | 6 | 6 | 5 |
| Administrador | 6 | 5 | 5 | 1 |

Tabela II

Avaliação por Ordem de Importância das Funções
(Com base em dados cumulativos de três grupos)

Ordem de Importância das Várias categorias

| Funções | Importância | Eficiência | Satisfação | Tempo Gasto | Import. Perceb. Associação | Import. Perceb. Congregação | Import. Real da Associação | Import. Real da Congregação |
|------------------------------|-------------|------------|------------|-------------|----------------------------|-----------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| Conselheiro | 6 | 6 | 5 | 6 | 8 | 4 | 7 | 2 |
| Pregador | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 2 | 1 |
| Professor | 3 | 2 | 2 | 5 | 7 | 6 | 5 | 4 |
| Visitador | 4 | 3 | 4 | 3 | 4 | 2 | 3 | 6 |
| Administrador | 5 | 5 | 6 | 2 | 5 | 3 | 6 | 5 |
| Evangelista Público | 7 | 7 | 7 | 8 | 2 | 7 | 4 | 7 |
| Evangelista Pessoal | 2 | 4 | 3 | 4 | 1 | 5 | 1 | 3 |
| Repres. Denominacional | 8 | 8 | 8 | 7 | 6 | 8 | 8 | 8 |
| Reformador Social | 9 | 9 | 9 | 9 | 9 | 9 | 9 | 9 |

Mostrada a realidade do conflito, da ambigüidade e da sobrecarga funcionais, é interessante que os pastores tenham os instrumentos para diminuir os efeitos devastadores.

1. S. W. Blizzard, "The Minister's Dilema", *The Christian Century* 73 (1956), págs. 508 e 509.
2. D. P. Smith, *Clergy in the Crossfire: Coping with Role Conflict and Role Ambiguity* (Filadélfia: Westminster Press, 1974).

3. The Episcopal Church: The Strategic Research Services Group of Executive Council, *The Top Priority Empirical Research Project on the Clergy* (Darien, Conn.: Ecumenical Consultants, Inc., 1970).
4. M. G. McBride, "Role Conflict and Role Ambiguity Applicable to the Local Pastor in the North Pacific Union Conference of Seventh-day Adventists" (Unpublished D. Min. Project, Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Mich., 1984).



Table 4

(continued) *Estimated coefficients and standard errors from the logit model*

(continued) *Estimated coefficients and standard errors*

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----------------|--|--|--|--|--|--|--|
| Constant | 1.12 | 1.12 | 1.12 | 1.12 | 1.12 | 1.12 | 1.12 |
| Female | 0.15 | 0.15 | 0.15 | 0.15 | 0.15 | 0.15 | 0.15 |
| Age | -0.02 | -0.02 | -0.02 | -0.02 | -0.02 | -0.02 | -0.02 |
| Age squared | 0.0001 | 0.0001 | 0.0001 | 0.0001 | 0.0001 | 0.0001 | 0.0001 |
| Age cubed | -0.000001 | -0.000001 | -0.000001 | -0.000001 | -0.000001 | -0.000001 | -0.000001 |
| Age quartic | 0.00000001 | 0.00000001 | 0.00000001 | 0.00000001 | 0.00000001 | 0.00000001 | 0.00000001 |
| Age quintic | -0.0000000001 | -0.0000000001 | -0.0000000001 | -0.0000000001 | -0.0000000001 | -0.0000000001 | -0.0000000001 |
| Age sextic | 0.000000000001 | 0.000000000001 | 0.000000000001 | 0.000000000001 | 0.000000000001 | 0.000000000001 | 0.000000000001 |
| Age septic | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 | -0.00000000000001 |
| Age octic | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 | 0.0000000000000001 |
| Age nonic | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 | -0.000000000000000001 |
| Age decic | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 | 0.00000000000000000001 |
| Age eleventh | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 | -0.0000000000000000000001 |
| Age twelfth | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000001 |
| Age thirteenth | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000001 |
| Age fourteenth | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000001 |
| Age fifteenth | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 | -0.000000000000000000000000000001 |
| Age sixteenth | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 | 0.00000000000000000000000000000001 |
| Age seventeenth | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 | -0.0000000000000000000000000000000001 |
| Age eighteenth | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 | 0.000000000000000000000000000000000001 |
| Age nineteenth | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 | -0.00000000000000000000000000000000000001 |
| Age twentieth | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 | 0.0000000000000000000000000000000000000001 |

1. The dependent variable is the probability of being employed. The independent variables are the variables listed in the table. The coefficients are the estimated parameters of the logit model. The standard errors are in parentheses.

2. The dependent variable is the probability of being employed. The independent variables are the variables listed in the table. The coefficients are the estimated parameters of the logit model. The standard errors are in parentheses.

3. The dependent variable is the probability of being employed. The independent variables are the variables listed in the table. The coefficients are the estimated parameters of the logit model. The standard errors are in parentheses.

4. The dependent variable is the probability of being employed. The independent variables are the variables listed in the table. The coefficients are the estimated parameters of the logit model. The standard errors are in parentheses.